issn: 1645-006X

POLITECNIA

Revista do Instituto Politécnico de Lisboa
Ano VIII • N.º 20 • Janeiro de 2009

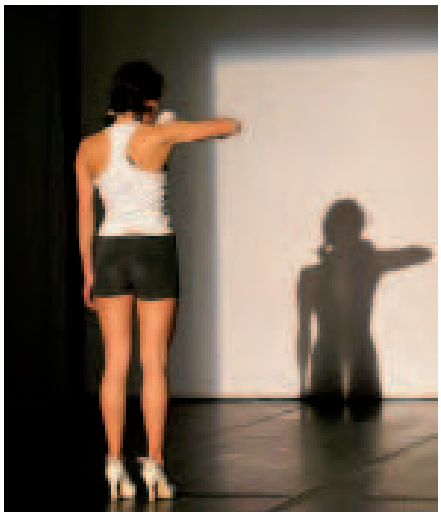
BD lusa no Teatro e Cinema

18

«Não é clara a divisão do ensino entre politécnico e universitário». Quem o diz é o professor Almeida Fernandes, director do Departamento de Estruturas do LNEC e notável especialista na área. Para ele o ISEL constitui um caso de sucesso, quanto à sua competitividade e excelência. Em entrevista à *Politecnia*, o investigador fala da importância da observação técnica de grandes obras e diz que o parque habitacional lisboeta está degradado.

28

Os espectáculos no átrio da Escola Superior de Dança são cada vez mais um espaço de experiências coreográficas nas noites do Bairro Alto. Alunos, professores e coreógrafos reinventam todas as quartas feiras a arte de dançar, em espectáculos irreverentes e provocatórios. A italiana Teresa Ranieri assina o mais recente sucesso deste ciclo «Under 0º», dando corpo ao projecto dinamizado pelo professor Francisco Pedro.



32

A Escola Superior de Teatro e Cinema acolheu o Festival Internacional de Banda Desenhada da Amadora, o maior do país. Intitulada "Desenhar a Música", a exposição, do artista José Gracês, recria momentos da História de Portugal e recupera instrumentos musicais do século XV.

46

A bailarina Wanda Ribeiro da Silva, pioneira do ensino da dança em Portugal, e professora da ESD é a protagonista desta edição da *Politecnia*. Apaixonada pelas pedagogias inovadoras da dança, a bailarina fez história ao participar na 1.ª emissão da RTP.

Sumário

5 Parar Para Pensar
L. M. Vicente Ferreira

6 Ronda das Escolas

10 O Acontecimento
ISEL e segurança nas gasolineiras
Luís Osório

15 Memória
Reviver o passado na ESELx
Bárbara Gabriel

18 A Grande Entrevista
Almeida Fernandes e o ensino superior
Clara Santos Silva

24 Histórias de Sucesso
O actor Pedro Saavedra
Vanessa de Sousa Glória

28 Reportagem
Dança encanta Bairro Alto
Paulo Silveiro

31 Pensar Direito
A avaliação dos docentes
Maria Feliciana Cardoso

32 Em Foco
Festival de BD no Teatro e Cinema
Vanessa de Sousa Glória

39 Empreendorismo
ISEL apoia incubação virtual
Clara Santos Silva

44 Problemáticas
A acção sísmica
J. Matos e Silva

46 A Protagonista
Perfil de Wanda Ribeiro da Silva
Paulo Silveiro

55 Mala Diplomática
A internacionalização do ISCAL
Maria Amélia Nunes de Almeida

60 Estante
O corpo e a publicidade
José Rebelo

66 Tribuna Livre
Manuel Mendes da Cruz

ESTATUTO EDITORIAL

1. A revista Politecnia é uma publicação trimestral, editada pelo Instituto Politécnico de Lisboa, que assegura e disponibiliza informação de referência sobre a vida do IPL e a actividade das oito escolas que o integram;

2. A Politecnia respeita a Constituição da República e as leis que se enquadram nos direitos, obrigações e deveres da Imprensa, tendo em conta o Código Deontológico dos jornalistas. E compromete-se a respeitar os direitos e deveres inerentes à liberdade de expressão e ao direito a ser informado, observados que sejam os princípios consignados neste Estatuto Editorial;

3. A Politecnia rege-se por critérios de rigor e honestidade, sem dependências de ordem ideológica, política ou económica, no respeito integral pelos Estatutos e a Lei Orgânica do IPL;

4. A Politecnia elege como público de referência as instituições (económicas, políticas e sociais) da sociedade civil e o corpo docente das oito escolas do IPL, e os alunos, pais e educadores em geral;

5. A Politecnia quer contribuir para a unidade do IPL e a afirmação da sua cultura própria, em prol do desenvolvimento em Portugal de um Ensino Superior de qualidade, apostado na qualificação profissional dos alunos;

6. A Politecnia diferencia os artigos de conteúdo opinativo dos artigos informativos e reserva-se o direito de interpretar e comentar, nos seus espaços de opinião, os factos e acontecimentos de âmbito educativo que se relacionem com a sua actividade;

7. A Politecnia está aberta à colaboração de todos os docentes do Instituto Politécnico de Lisboa que tenham contributos, no domínio da Educação, importantes que queiram partilhar;

8. A Direcção da Politecnia reserva-se o direito de não publicar a colaboração não solicitada, que considere não ter a qualidade pretendida;

9. A responsabilidade dos textos publicados é inteiramente assumida pelos seus autores;

10. A Politecnia participa no debate dos grandes temas da actualidade educativa, relacionados com o Ensino Superior, tendo em vista a discussão de questões de interesse para o IPL e a troca de ideias entre aqueles que se preocupam e dedicam ao seu desenvolvimento e prestígio.

POLITECNIA

Ano VIII Número 20 Janeiro 2009

Director
L. M. Vicente Ferreira

Editor
Orlando Raimundo

Redactores
Bárbara Gabriel, Clara Santos Silva, Jorge Silva, Margarida Jorge, Paulo Silveiro, e Vanessa de Sousa Glória

Fotografia
Bruna Viegas, João Costa, José Alexandre, Lightshot, Maria Lucena, Margarida Jorge, Pedro Pina, Sofia Gomes, Susana Paiva e Tânia Araújo

Correspondentes
João Costa (Dança), Lucy Wainewright (Educação), Luísa Marques e Margarida Saraiva (Teatro e Cinema), Maria João Berkeley Cotter (Contabilidade e Administração), Ana Raposo, Claúdia Guerreiro, Maria João Gonçalves (Tecnologia da Saúde)

Colaboradores Permanentes
António Serrador, Luís Osório, Luísa Marques, Manuel Esturrenho, Paulo Morais-Alexandre e Sérgio Azevedo

Colaboradores
António Sampaio da Nóvoa, J. Matos e Silva, José Rebelo, Maria Amélia Nunes de Almeida e Maria Feliciana Cardoso

Colunista
Manuel Mendes da Cruz

Grafismo e Paginação
Orlando Raimundo (coordenador), Clara Santos Silva, Paulo Silveiro e Vanessa de Sousa Glória

Propriedade
Instituto Politécnico de Lisboa
Estrada de Benfica, 529
1549-020 Lisboa
Telefone: 217 101 200
Fax: 217 101 236
e-mail: gci@sc.ipl.pt
site: www.ipl.pt

Redacção, Admin. e Publicidade
Estrada de Benfica n.º 529
1549-020 Lisboa

Impressão
Tipografia Peres, Rua das Fontaínhas, Lote 2 Venda Nova
2700-321 Amadora
Depósito Legal- 158054/2000
ISSN- 1645-006x

Tiragem: 4 500 exemplares

Capa:
Vanessa de Sousa Glória (arranjo gráfico)
Desenhos de José Garcês

Universidades de Ciências Aplicadas

VAI REALIZAR-SE em Haia, Holanda, entre 4 e 5 de Fevereiro deste ano a Conferência Internacional da Rede de "Universities of Applied Sciences (UAS)".

Esta rede europeia de instituições de índole politécnica, que adoptou a designação internacional de "Universities of Applied Sciences" congrega já vários países, nomeadamente a Alemanha, Áustria, Dinamarca, Estónia, França, Finlândia, Irlanda, Lituânia, Holanda e Suíça. Em 2008 Portugal passou a integrar esta rede após a visita, no início do ano, de uma delegação do Conselho Coordenador dos Institutos Superiores Politécnicos a algumas instituições europeias que adoptaram a designação de UAS.

Todavia, e embora o nosso estatuto seja o de um membro de pleno direito dentro da rede, a verdade é que não foi ainda autorizada pela tutela a designação de "Universities of Applied Sciences" às instituições politécnicas portuguesas, apesar de o Conselho Coordenador dos Institutos Superiores Politécnicos ter apresentado tal pretensão.

Esta mudança de designação, adoptada pelos países europeus, tem na génese o reconhecimento da inadequação de um ensino superior suportado exclusivamente por uma base tecnológica, tal como foi concebido para Portugal há 30 anos. As mudanças estruturais profundas que se operaram nas últimas décadas na Europa impuseram a reformulação deste princípio dando lugar a um novo paradigma, sustentado não apenas por uma base tecnológica, mas também por uma base científica orientada para a empregabilidade. Não é alheia a esta nova realidade a deslocalização das indústrias da União Europeia para a Ásia e para outras regiões do mundo.

L. M. Vicente Ferreira

Torna-se urgente que Portugal também adopte a designação de Universities of Apllied Sciences para o ensino politécnico, sob pena, se o não fizer, de ficarmos em grande desvantagem competitiva face aos nossos parceiros europeus

De facto, as exigências que se colocam à União Europeia no plano socioeconómico por perda de factores competitivos, tais como mão-de-obra barata, que estão a levar de forma sistematizada à deslocalização das unidades de produção intensiva da Europa, devem ser supridas por forte desenvolvimento de uma cultura de investigação científica nas instituições, que seja capaz de incutir no aluno de ensino superior capacidades para a inovação e para a criatividade, de modo a que, uma vez inserido em ambiente produtivo, possa criar alto valor acrescentado.

Ora, é isso que se pode esperar e se deve exigir a todo o ensino politécnico europeu a fim de que ele desenvolva a sua capacidade e potencial nos domínios da investigação científica aplicada, incorporando-a em contexto pedagógico, ajudando desta forma a sociedade europeia a manter e, se possível, melhorar o seu nível socioeconómico.

Esta mudança de paradigma no ensino politécnico é simbolizada através desta nova designação "Universities of Applied Sciences", conferindo-lhe, assim, maior competência e visibilidade quer no plano nacional quer no plano internacional. Torna-se, por isso, urgente que Portugal também adopte a designação de UAS para o ensino politécnico, sob pena, se o não fizer, de ficarmos em grande desvantagem competitiva face aos nossos parceiros europeus.

ESCS volta ao Estoril Film Festival

Vanessa de Sousa Glória

A actriz francesa Catherine Deneuve foi a estrela do Festival

OS ALUNOS da Escola Superior de Comunicação Social, voltaram a ter a oportunidade de fazer a cobertura noticiosa do Estoril Film Festival 08, que decorreu de 14 a 22 de Novembro. O bom desempenho obtido pela ESCS na edição do Festival do ano passado levou a que o realizador Paulo Branco, director do evento, voltasse a convidar a escola para a realização de toda a cobertura do Festival. A equipa de produção, coordenada pelo professor da ESCS Ricardo Flores, incluiu dezasseis alunos dos cursos de Audiovisual Multimédia e Jornalismo e diverso equipamento audiovisual, responsáveis pela produção dos conteúdos que este ano passaram na plataforma MEO.

Vanessa de Sousa Glória

Para além desta equipa, foram vários os alunos da ESCS, que através do Gabinete de Estágios da escola, foram inseridos na organização do Festival, colaborando directamente com os organizadores do evento.

A participação dos alunos no Festival, proporcionou-lhes uma experiência muito importante sobre o que é o mercado de trabalho, num ritmo muito intenso, os alunos tiveram que corresponder a várias solicitações, o que lhes permitiu ganhar uma tarimba que lhes será muito útil no seu futuro profissional.

Também os alunos de cinema da Escola Superior de Teatro e Cinema foram convidados a mostrar os seus trabalhos mais representativos, no Encontro de Escolas da 7ª arte que decorreu durante o certame.

A apresentação da ESTC esteve a cargo do professor José Bogalheiro, director do Departamento de Cinema, que se pronunciou sobre o ensino que nela se pratica. Os filmes "Por uma mão cheia", "Morrer", "Aleluia", "Duas pessoas", "Querido Carlos Alberto" e "The Bowl" foram os trabalhos visionados, a que se seguiu um debate sobre o papel destas instituições na criação cinematográfica.

"Nos Otros" à prova

"NOS Otros", um filme imaginado, produzido e realizado por finalistas da Escola Superior de Teatro e Cinema, foi exibido no dia aberto da escola, como forma de dar as boas vindas aos novos alunos. Os relacionamentos humanos, os encontros e desencontros, estão na base do argumento.

As histórias cruzam-se todas, directa ou indirectamente: Susana veio do Porto para Lisboa à procura de independência; Lourenço é seu vizinho e músico e gasta as poucas horas passadas em casa a tocar saxofone; Francisca, com uma agenda profissional muito preenchida, nem sempre tem tempo para o João, o namorado; e Juan, que veio de Barcelona a carpir uma traição, com um projecto de fotografia, aluga um quarto em casa de Francisca.

E há ainda Marta, actriz e mãe, casada com Luís, advogado de sucesso. Depois, Mário conhece Marta numa festa e descobre que nem tudo se controla. Confrontadas com os seus limites vemos, ao longo da história, como cada personagem tem capacidade para sobreviver.

Já anteriormente mostrado na Cinemateca Portuguesa, "Nos Otros" reúne uma equipa de 28 alunos, quatro professores, três elementos do gabinete de produção de teatro da Escola Superior de Teatro e Cinema e a mestra do guarda-roupa.

ESCS debate tráfico de mulheres

A AMNISTIA Internacional, a Fox International Channels e a Escola Superior de Comunicação Social assinalaram o Dia Internacional para a Eliminação da Violência sobre a Mulher, com a tertúlia "O tráfico de Mulheres para Redes de Prostituição".

Da mesa-redonda fizeram parte Manuela Góis, da União de Mulheres Alternativa e Resposta; Margarida Martins, da Associação das Mulheres contra a Violência; Marta Crawford, sexóloga; e o moderador Pedro Krupenski, da Amnistia Internacional. Durante a tertúlia ficou claro que esta temática é um problema que merece a preocupação de todos, e Portugal não é excepção. "É necessário ter consciência de que este problema envolve mulheres portuguesas, que o aliciamento é fácil, e que as redes em Portugal estão activas", refere Margarida Martins.

Durante o encontro os participantes foram sensibilizados para a necessidade de intervenção, da tomada de consciência para esta realidade. Foi reforçada a ideia de que é urgente uma intervenção activa e permanente, que a pessoa, enquanto ser individual, deverá pensar em formas de combater este flagelo social. Dados estatísticos demonstram que 80 % das pessoas traficadas são mulheres e crianças. Para Pedro Kupenski "os direitos humanos só serão universais quando todos os indivíduos tomarem consciência de que têm responsabilidade no seu cumprimento".

As causas e origens do tráfico, as possíveis soluções e a reflexão sobre o papel da mulher enquanto vítima foram questões debatidas durante a tertúlia. A preocupação por este tipo de temáticas fez-se sentir na participação dos alunos. Para a estudante Nídia Faria muitas das soluções podem passar pela sala de aula. "Pode-se discutir este tipo de temáticas nas aulas, visionar séries, como esta que passou hoje, a Matrioski, que expõe cenas que retratam o tráfico de mulheres".

Durante o encontro, Marta Crawford deu o seu contributo como sexóloga, considerando que muitas destas questões estão relacionadas com a sexualidade, com estereótipos que estão enraizados na nossa sociedade. "Há fortes desigualdades nos papeis femininos e masculinos, que é passado de gerações em gerações, na própria educação que depois reputa-se nas vivências de hoje em dia". conta.

Para Pedro Krupneski, a escolha da Escola Superior de Comunicação Social como local de debate deste tipo de temáticas fez todo o sentido, porque "sendo uma escola de Comunicação, onde desejavelmente muitos dos estudantes da instituição vão ser comunicadores, é necessária a sensibilização para a problemática da igualdade de direitos".

Para o moderador da tertúlia, o objectivo foi cumprido já que, embora muita coisa tenha ficado por dizer, foram tocados os pontos essenciais. E o público participou e ficou sensibilizado.

O presidente do conselho directivo da ESCS, António Belo, acolheu os participantes

Aluno da Dança premiado na Alemanha

O BAILARINO António Cabrita, recém-licenciado pela Escola Superior de Dança, colaborou no projecto Private Spaces, da coreógrafa Silke Z., galardoado na Alemanha com o Prémio de Dança Colónia 2008. Já em 2006, o bailarino havia trabalhado com esta artista, coreógrafa no projecto Colina, que tem o objectivo de promover a interacção de várias expressões artísticas, destacando-se a dança. Silke Z., nascida em 1970, vive e trabalha em Colónia, como coreógrafa independente, estando o seu trabalho quase sempre associado à exposição pública do corpo.

No caso do espectáculo Private Spaces, a audiência entra numa caixa negra sem cadeiras, para tornar mais intimista a relação entre o público e os bailarinos. Os corpos dos intérpretes podem ser tocados sob proposta de António Cabrita, que fala directamente com o público. O resultado é um trabalho que envolve cinema e performance, numa dinâmica entre o real e a ficção, na qual os bailarinos estão no centro de um jogo de proximidade e distância, controle e perda.

O ano de 2008 foi particularmente atribulado para o jovem bailarino que participou numa série de projectos nacionais e internacionais, entre os quais a Quinzena da Dança de Almada.

Filme de Rui Goulart apoiado pelo ISEL

O realizador Rui Goulart e a equipa de actores na ante-estreia do filme no Cinema S. Jorge

O CINEASTA Rui Goulart, formado pela Escola Superior de Cinema de Lisboa, fez a antestreia nacional da sua longa-metragem «1.ª Vez 16 mm», no dia 4 de Novembro, no Cinema S. Jorge. O filme, que contou com o apoio do Instituto Superior de Engenharia de Lisboa, onde foi filmada uma das cenas mais relevantes, conta a história de Miguel, um realizador obstinado que quer fazer, sem quaisquer apoios, um filme sem argumento, intitulado Amizades Coloridas.

Há 20 anos, alunos finalistas da Escola Superior de Teatro e Cinema, entre os quais Rui Goulart, José de Pina, José Leitão, Vítor Beja, José Brinco e João Cayate produziram e realizaram um filme independente, em 16mm, marcado por um acidente que vitimou o actor Bruno Lavos. O cineasta tentou agora, recriar essa história, mostrando a falta de experiência de uma equipa constituída por finalistas de cinema, que tentam por entre muitas peripécias, descobrir actores e obter patrocínios para o projecto.

A equipa percorreu vários pontos do país, escolhendo ainda Bordéus, Paris, Veneza e Madrid para as filmagens, a par do itinerário escolhido para o filme de há 20 anos. Do elenco fazem parte João D´Ávila, Adelaide João, António Vitorino de Almeida, Miguel Borges, Ana Afonso, Rui Goulart, Ana Reis, José Miguel Monteiro, Sofia Fragateiro, Rafael Reis, Victor Mariquito e Nuno Modesto, contando ainda com a participação especial de Marisa Paredes.

Na antestreia da longa metragem o público aderiu em massa ao Cinema S. Jorge, onde Rui Goulart compareceu com a sua equipa e alguns convidados. O cineasta disse não estar nervoso, até porque considera que a prova definitiva é a colocação do «1.ª Vez 16 mm» no circuito comercial. Trata-se, em sua opinião, de "um filme alternativo e, por isso, mais complexo, sendo o sucesso esperado muito relativo". Rui Goulart, com já 7 filmes realizados, acredita que o público português é cada vez mais receptivo a este tipo de cinema.

IPL patrocina Encontro Audio

COM o apoio do Instituto Politécnico de Lisboa, decorreu no Instituto Superior de Engenharia de Lisboa o 10.º Encontro de Engenharia de Áudio, em parceria com a Associação Portuguesa de Engenharia Áudio, APEA – Secção Portuguesa da Audio Engineering Society, AES.

A sessão de abertura contou com a presença do Presidente do IPL, para além de várias personalidades de mérito internacional na área do áudio, que abrilhantaram as palestras apresentadas.

Um dos momentos altos foi a participação do cantor Paulo de Carvalho, acompanhado por alunos da Escola Superior de Música de Lisboa, no momento musical que permitiu mostrar o processo de realização de um espectáculo.O balanço feito pela organização foi positivo quanto a futuras parcerias entre universidades e empresas.

Pensar a

INSERIDO no ciclo de espectáculos "Átrio" a Escola Superior de Dança apresentou em Dezembro, as coreografias de quatro alunos finalistas, que abordaram temas recorrentes na sociedade actual, tais como o amor, a rotina, a guerra dos sexos e alguns traumas femininos.

Os espectadores são convidados a interiorizar situações. Como a de uma mulher que continua presa ao amor do seu passado, sem conseguir viver o presente na totalidade. E surgem as perguntas: poderá um passado ser tão forte e negativo ao ponto de nos bloquear? qual a influência de um passado devastador nas nossas vivências actuais? a mulher (aquela mulher) tenta realmente livrar-se desse passado ou será esta a única forma de se manter ligada ao seu amor?

No fim fica a ideia de que a felicidade se constrói, se pode construir. E a certeza de que para se sair dum sofrimento profundo é preciso querer. E para além de querer, ousar quebrar hábitos de sentir enraizados.

E há mais perguntas no ar: estarão os automatismos criados pela máquina a tornar-nos menos emocionais? aquilo que fazemos e a forma como o sentimos estará alterado? Talvez seja verdade que nos comportamos, na sociedade actual, quase como se fossemos máquinas, esquecendo os nossos sentimentos e os alheios.

É fácil concordar com a ideia de que o aborto, a violação e a violência doméstica põem em evidência as fragilidades da mulher. Mas a reflexão não termina (não pode nem deve) terminar aí. Essas situações retratam fragilidades de uma sociedade que muitos consideram desorientada e hipócrita. E voltam as perguntas: será a mulher frágil ou será o homem ainda mais frágil ao ponto de não ser capaz de lidar com as suas frustrações?

Em palco, três mulheres representam o aborto, a violação e a violência doméstica, num relato intenso sobre como vivem psicologicamente estes cenários.

O convite à reflexão continua: numa sociedade em que somos vítimas de estereótipos de todo o tipo, o género não foge à regra; numa sociedade que diz defender a liberdade, continuamos a ser comandados pelas aparências e pela aparência da aparência. E um homem procura quebrar as directrizes que codificam o género masculino e demonstra que todos esses códigos simplesmente não fazem sentido.

sociedade contemporânea a dançar

Quatro coreografias de alunos finalistas

Eu quero… e tu?

Criador: Mariana Pimentel

Eu quero…e tu? baseado no romance argentino Boquitas Pintadas de Manuel Puig, centra-se no universo do amor mal sucedido. Em palco, uma mulher vive um presente decadente por não conseguir sair da nostalgia do passado. Este trabalho é dedicado a Danilo Gennari.

Bloody Mary

Criador: Marcos Faria

Bloody Mary é uma peça que retrata a Mulher nas suas fragilidades, indo ao encontro de temas delicados da sociedade contemporânea como o aborto, a violação e a violência doméstica. Em palco, três mulheres retratam os constrangimentos e as emoções inerentes à violência física e psicológica de que são vítimas.

Turning Into an Emotional...

Criador: António Faria

Este trabalho, Turning Into an Emotional Human Being, do criador António Faria, retrata a vida quotidiana na sociedade actual, questionando o paralelismo existente entre a rotina humana e o automatismo da máquina.

¿género

Criador: André Soares

O que é o género? Nesta peça há uma descodificação de formatos de corpos e objectos. As questões relacionadas com o género, tal como o papel que a sociedade impõe na sua codificação, são abordadas de uma forma que se pode tornar abstracta.

Projecto Galpgeste / PDOSBus

ISEL cria melhor segurança nas bombas de gasolina

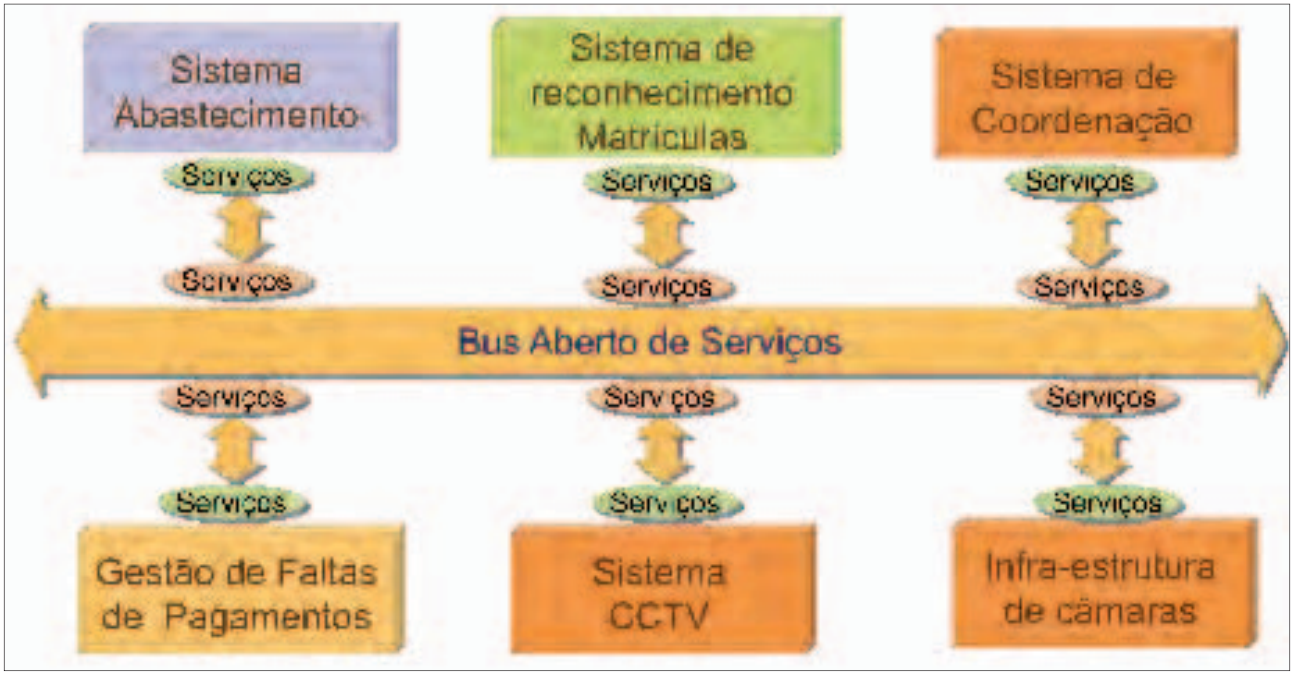
A melhoria na segurança dos abastecimentos nas áreas de serviço é um dos objectivos da parceria de investigação e desenvolvimento estabelecida entre o Instituto Superior de Engenharia de Lisboa e a Galpgeste. O projecto é motivado pela necessidade de uma solução integrada de segurança com foco especial no controlo dos pagamentos de abastecimentos.

Texto de Luís Osório

UMA RESPOSTA mais ágil e mais competitiva (nomeadamente ao nível dos custos) ao desenvolvimento de novos serviços aplicacionais, permitirão uma gestão mais eficiente de uma rede de postos/áreas de abastecimento. E é isso o que mais interessa ao parceiro empresarial do ISEL.

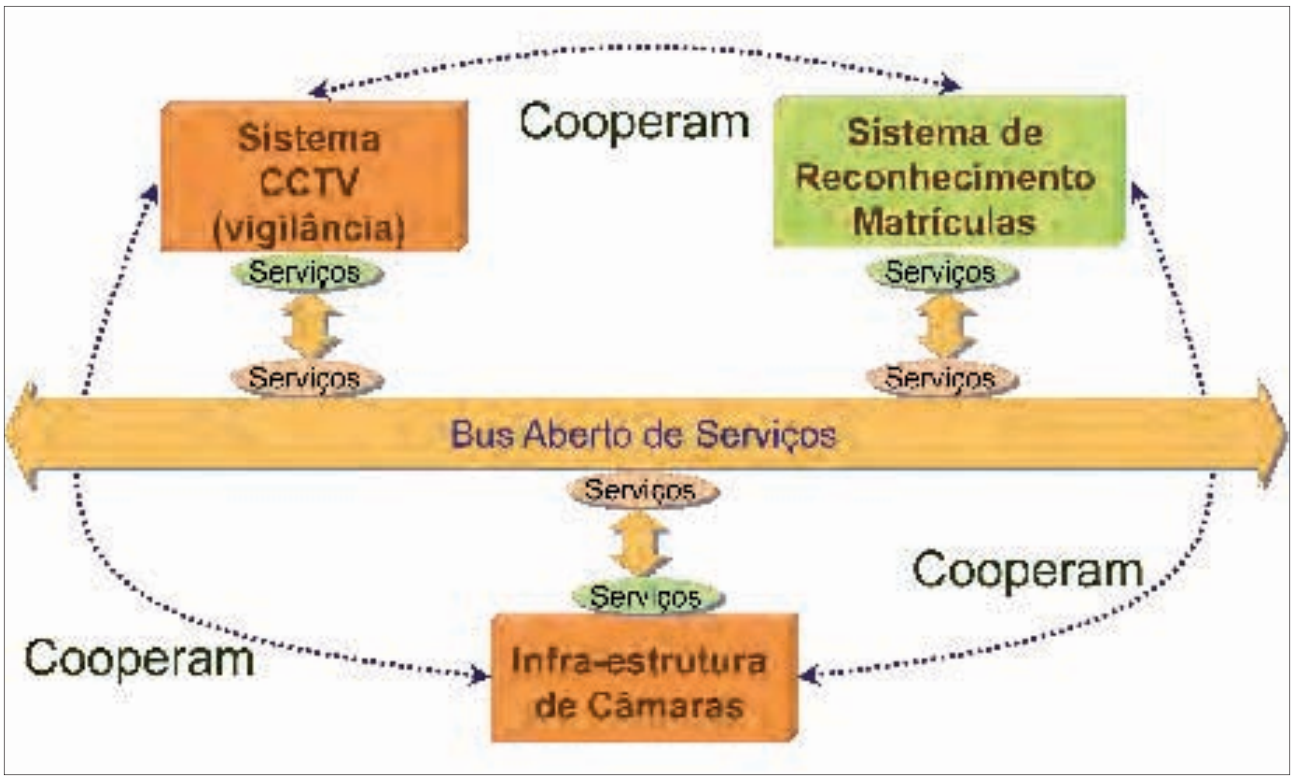
A parceria com a Galpgeste iniciou-se em Novembro de 2007, com um primeiro projecto com o objectivo de estudar tecnologias e processos relacionadas com a segurança de postos/áreas de abastecimento da rede Galp.

Na primeira fase do projecto, concluída em Maio de 2008, foi proposta uma estratégia centrada no desenvolvimento de um bus de serviços, entretanto designado PDOSBus (Petrol Distribution Open Service Bus) o qual permitirá o desenvolvimento do sistema integrado de segurança de abastecimentos e outros serviços aplicacionais que partilhem uma infra-estrutura aberta e comum. Da avaliação dos sistemas e processos em operação na rede de abastecimento, emerge a necessidade de estabelecer uma estratégia de integração entre sistemas heterogéneos (diferentes fornecedores e/ou diferentes tecnologias).



Uma solução existente, associada ao sistema de vigilância por câmaras de vídeo (CCTV) com reconhecimento automático de matrículas (através de processo de reconhecimento automático de caracteres – OCR optical character recognition), afigurou-se aquém das expectativas, sendo que o controlo da autorização de abastecimento continuou dependente de intervenção de um operador. O sistema de reconhecimento de matrículas e detecção de fugas (base de dados de matrículas de veículos que abasteceram sem realizarem o pagamento) não integra com o sistema de pagamento também conhecido por consola (POS – Point Of Sale).

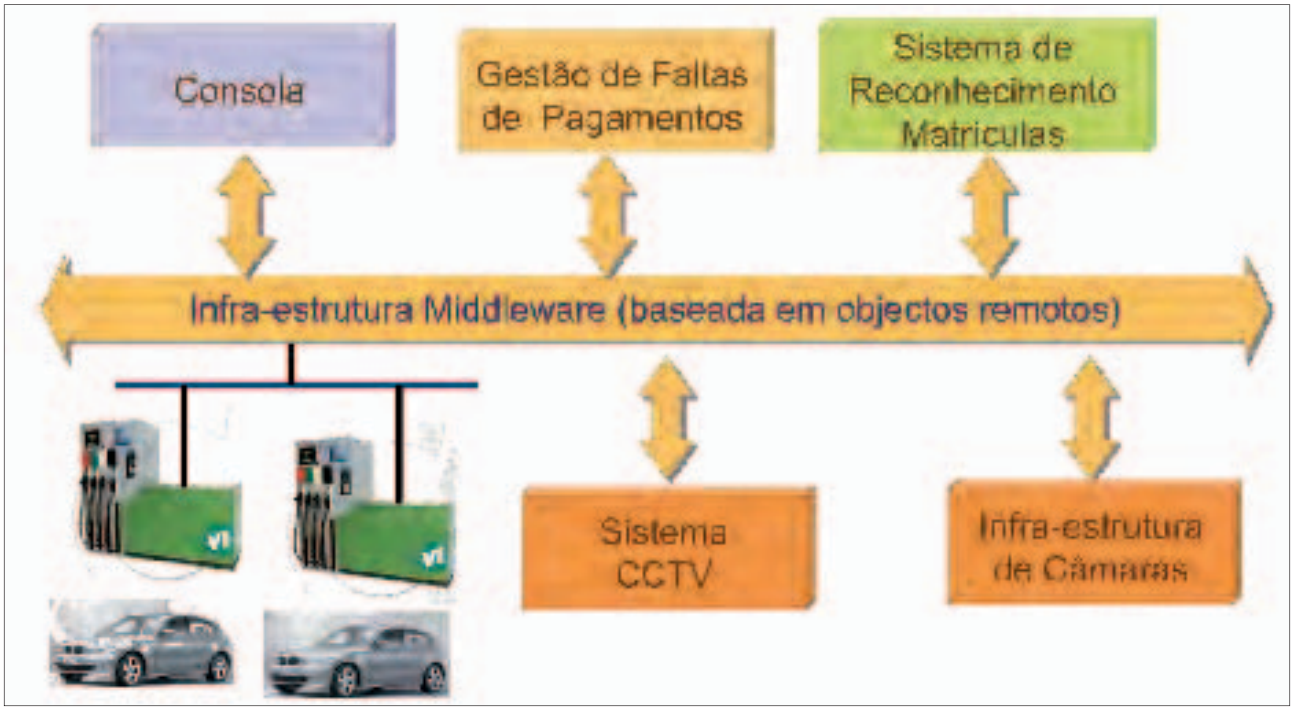
Da avaliação e do desenvolvimento de uma estratégia para um sistema integrado de segurança considerou-se a necessidade de integração entre os dois subsistemas acima referidos. No entanto, a integração ponto a ponto tende a estabelecer dependências de fornecedores, seguir padrões de integração únicos (soluções one-of-a-kind) com os custos elevados resultado da ausência de reutilização de componentes normalizadas, um aspecto muito importante no desenvolvimento de sistemas integrados complexos. É nesta linha, em que não



são encontradas soluções inovadoras, seja como trabalhos de investigação aplicados em cenários semelhantes, seja como propostas de organizações de normalização e ainda produtos inovadores que pudessem ser equacionadas numa solução aberta e multi-fornecedor, que é proposto o desenvolvimento de um bus aberto de serviços, especializado para sistemas de suporte a soluções integradas de gestão de postos/áreas de abastecimento. A organização que no sector dos petróleos aparece como contribuinte fundamental para a interoperabilidade entre sistemas em áreas de abastecimento é a IFSF (International Forecourt Standards Forum) , da qual o ISEL entretanto se tornou membro, não responde à questão colocada pelo projecto. Considera-se no entanto fundamental a promoção das discussões levantadas pelo projecto PDOSBus junto deste fórum, acção que será desenvolvida numa fase posterior e em colaboração com a Galpgeste e outros parceiros empresariais (com especial interesse para fornecedores de sistemas tecnológicos para redes de abastecimento).

A segunda parte do projecto decorre durante o ano de 2009. Numa primeira fase com piloto em duas áreas da Galpgeste e posteriormente estendida a outros operadores. A segunda fase tem a participação da Gasodata para integração do controlo de pagamento de abastecimento com a consola. Tem também a colaboração da Prosonic, com a disponibilidade de equipamento para avaliação, seja do processo de reconhecimento seja para a demonstração do modelo proposto em que um sistema clássico de CCTV é dividido em dois subsistemas: a infra-estrutura de câmaras de vídeo e o subsistema de gestão dos processos de vigilância.

Mais uma vez, é de salientar o valor inestimável para o ISEL de uma parceria com a Galpgeste, sendo que os desafios que nos são colocados permitem-nos concretizar um quadro de desenvolvimento de diferentes linhas de investigação com a participação de finalistas de Licenciatura e Mestrado no desenvolvimento dos seus projectos ou teses.



Um bus aberto de serviços

UM dos aspectos fundamentais na estratégia de inovação desenvolvida, validada por demonstrador e proposta como resultado da primeira fase do projecto, é o desenvolvimento de um bus aberto de serviços. Este bus é formado por uma camada de middleware que integra funcionalidades reutilizáveis pelos diferentes sistemas/serviços. A este bus liga-se um conjunto de sistemas/serviços especializados

Quem é quem no projecto

NA sua primeira fase, o projecto de investigação teve a participação do Grupo de Investigação Aplicada em Tecnologias e Sistemas de Informação, do M2A – Grupo de Multimédia e Aprendizagem Automática, do grupo Grupo de Investigação em Electrónica de Sistemas e de Telecomunicações e do grupo de Redes. A equipa é coordenada por Luís Osório e Pedro Mendes Jorge, sendo a área de sistemas de informação coordenada por Luís Morgado, a de Electrónica e Telecomunicações por António Serrador e a de Redes de Comunicação de Dados por Vítor Almeida.

Pela Galpgeste a equipa é liderada por Joaquim Lima (Administrador) e conta ainda com a participação activa de António Madeira, João Dinis Esteves e Paulo Madeira, de entre outros contributos fundamentais para o desenvolvimento da cooperação em I&D. Tal como acontece com outras parcerias, cabe ao ISEL a responsabilidade do desenvolvimento de questões de investigação que possam gerar resultados de valor para a Galpgeste mas para as quais é fundamental a troca de conhecimentos, principalmente a experiência nos processos de gestão de uma rede de abastecimento de combustíveis.

Tal como acontece noutros projectos de I&D, participam como bolseiros os alunos Tiago Garcia do Mestrado em Engenharia Informática e Computadores, e Ramiro Marques do Mestrado em Engenharia Electrónica e Telecomunicações do Departamento de Engenharia de Electrónica e Telecomunicações e de Computadores – DEETC. É uma oportunidade de excelência para que consolidem as competências adquiridas com a participação na resolução de desafios reais e inovadores.

Arquivo *Politecnia*

Luís Osório

no apoio à execução da diversidade de processos associados à gestão da segurança de uma rede de postos/áreas de abastecimento. Estes sistemas/serviços implementam interfaces desenvolvidas num quadro aberto a serem seguidas pelos diferentes fornecedores.

Outro aspecto importante na estratégia proposta é a separação do que actualmente se designa por sistema CCTV, por um subsistema que gere a infra-estrutura de câmaras e um subsistema com serviços de gestão do processo de acesso às câmaras, gravação e outras funcionalidades relacionadas com o processo de vigilância. Esta reorganização permite a reutilização de câmaras da infra-estrutura em diferentes aplicações. No caso em avaliação no projecto, esta reorganização permite a utilização das câmaras para o processo de vigilância e para o processo de reconhecimento de matrículas.

Nesta linha foi desenvolvido um demonstrador onde são simulados os diferentes sistemas/serviços. Neste demonstrador considera-se que o sistema de reconhecimento de matrículas coopera com o sistema de gestão de abastecimentos que por sua vez coopera com o sistema de pagamento (consola).

Sempre que um veículo abastece com pós-pagamento manual o operador tem que previamente autorizar a bomba, em resposta ao levantar da agulheta.

Sempre que um veículo abastece é mantida uma transacção em aberto, representada por um objecto onde consta informação multimédia sobre o abastecimento, eliminada apenas quando o pagamento é efectuado. Se como resultado do abastecimento de um veículo não existir um pagamento, o objecto de informação que representa a transacção será acedido pela consola quando o veículo se posicionar numa ilha de abastecimento. Nesta situação, quando é levantada a agulheta o operador tem uma indicação na consola de ausência de um pagamento anterior, não lhe permitindo desbloquear a bomba (ou apenas perante uma operação com autorização especializada).

O demonstrador teve por objectivo validar a estratégia proposta e servir de alicerce ao piloto já em áreas de serviço, a ser desenvolvido na segunda fase do projecto.

A 1 de Outubro de 2008 realizou-se na APETRO uma reunião promovida pela Galpgeste para apresentação dos resultados do projecto, tendo sido proposta uma estratégia de extensão da participação no projecto dos outros operadores. Nesse âmbito, um abastecimento que não é pago num operador deveria ser automaticamente controlado quando o mesmo veículo tentasse abastecer noutro operador. A reunião terminou com uma recepção unânime ao projecto tendo ficado acordado uma visita ao ISEL, a que se seguiria o planeamento da extensão da iniciativa ao nível da APETRO.

Eles formavam as turmas A e B de 56-58

Reviver o passado na ESELx

Comemorar meio século do fim de curso, frequentado no antigo Magistério Primário, foi o que levou 45 professores a reencontrarem-se na Escola Superior de Educação de Lisboa, legítima herdeira da instituição onde se formaram, contribuindo, com a efeméride, para a sua história. A *Politecnia* esteve no memorável encontro onde, em ambiente de nostalgia e alegria, se recordou os tempos de estudante e os desafios de ser professor naquela altura.

Textos de Bárbara Gabriel • Fotos de Clara Santos Silva

A presidente do conselho directivo da ESE, Lurdes Serrazina, acolhe os veteranos do antigo Magistério Primário

DE NORTE A SUL do país, nenhum dos alunos das turmas A e B, de 1956/1958, do Magistério Primário de Lisboa quis faltar ao encontro, marcado na Escola Superior de Educação de Lisboa, para comemorar meio século de curso.

Hoje, em pleno Outono da vida, vieram sozinhos ou acompanhados pelos filhos e netos. Debaixo dos braços traziam fotografias, daquele tempo, na esperança de reconhecerem caras que há muito não viam.

Emocionados, à medida que iam chegando, à Escola Superior de Educação recordavam os tempos de estudantes e reavivaram histórias, muitas delas já esquecidas. Por entre corredores ouviam-se lamentos como era difícil ser professor primário nesse tempo.

A iniciativa do encontro foi "bem acolhida, desde o primeiro momento pela direcção da Escola Superior de Educação", diz Maria Idalinda Dias, uma das organizadoras do evento, que fez questão de convidar a presidente do conselho directivo, e actual vice-presidente do Instituto Politécnico de Lisboa, Lurdes Serrazina, a descerrar a placa comemorativa do evento no jardim interior da ESELX. Na ocasião, Lurdes Serrazina congratulou a iniciativa, frisando que a instituição que dirige é feita de história, da qual este grupo de professores faz parte.

Ainda muito jovens, com pouco mais de dezoito anos, ingressaram no Magistério Primário de Lisboa para serem futuros professores primários. Hoje, meio século passado, a resposta é unânime quiseram-no ser por vocação e não se arrependem da escolha. No entanto, todos confessam, que, naquele tempo, e apesar da dignificação da imagem social, a remuneração de um professor primário era

As turmas A e B do antigo Magistério Primário de Lisboa do curso de 56-58

muito baixa comparada com a de muitos operários e a de trabalhadores agrícolas, em certas regiões. Lúcia Barreiros começou a desempenhar funções, como tantos outros professores, no início de carreira, numa aldeia em Alcoentre. Os mil e duzentos escudos que recebiam de ordenado não eram suficientes para o aluguer do quarto e outros gastos essenciais. Para além disso o primeiro pagamento só era feito no Natal. Já para não falar dos subsídios de férias e de Natal que não existiam.

Apesar das vicissitudes do ofício, Lúcia Barreiros nunca deixou de leccionar e a paixão pelo ensino levou-a a Moçambique para colaborar na abertura de uma escola.

Os professores tinham um extenso, difícil e exigente programa para ensinar. As crianças aprendiam a geografia de Portugal, Angola e Moçambique; as linhas férreas do continente e do Ultramar e os reis de Portugal. Tempos em que os castigos maternais, permitidos nas aulas, incluíam umas palmadas no traseiro ou nas mãos.

Relembrando os costumes obrigatórios do Magistério Primário de Lisboa, alguns professores do curso de 1956/58 fizeram questão de, no dia do encontro, vestirem bata branca, a que usavam nos tempos de escola.

O primeiro dia de aulas no Magistério Primário de Lisboa ficou-lhes na memória. Maria Idalinda Jesus Alegria recorda-se, como se fosse hoje, da recepção do director naquela data em funções, professor Octávio Neves d' Ordonnat. Sentiu-se es-

Casamento nos serviços centrais

FOI em Benfica, no edifício do pensionato do Magistério Primário, onde hoje é o edifício nobre dos serviços centrais do Instituto Politécnico de Lisboa, que Maria Célia Durão, antiga aluna do Magistério, se casou.

Dirigido por freiras, o pensionato em Benfica funcionava como uma residência de estudantes, e albergava cerca de trinta alunas.

A capela, de que já não há vestígios, localizava-se no portão à entrada e todos os dias era lá que se celebrava a missa e onde as freiras faziam questão de deixar umas bolachinhas para o padre. O jardim e o lago com peixes, que a professora tão bem se recorda e que ainda hoje se mantém, serviram de cenário para as habituais fotos de casamento.

O copo de água, fornecido pela pastelaria Nilo de Benfica, foi servido no refeitório do pensionato localizado, juntamente com as salas de estudo no r/c do edifício. As camaratas eram no 1.º andar. Apesar das saudades dos pais que estavam no Alentejo, Maria Célia Durão diz ter passado no pensionato os momentos mais felizes da sua vida "eram como uma família". Talvez por isso a professora tenha por lá ficado mesmo depois de ter terminado o curso.

Ao lado do pensionato, onde actualmente funciona um infantário, vivia o director do Magistério Primário, Octávio Neves Ordonnat.

Cinquenta anos depois o reencontro à porta da Escola Superior de Educação de Lisboa

tranha ao ser tratada, pela primeira vez na vida, por senhora dona.

As alunas mestras, como assim eram chamadas, foram obrigadas a substituir os soquetes, só permitidos aos rapazes, pelas meias de vidro.

Quem tivesse cabelo comprido devia habituar-se a usá-lo apanhado e as pinturas na cara não eram recomendadas.

Já na ginástica, praticada no actual salão nobre da ESE, as raparigas vestiam saia calça e ainda usavam um culote por baixo, diz Maria Teresa Tomé em tom de brincadeira.

Exigente, a admissão ao Magistério não era fácil. Numa prova global testavam-se os conhecimentos dos futuros professores em história, matemática, português e cultura geral. Na altura existiam professores especializados que preparavam os alunos para este exame.

Dos professores do curso de 1956/58, houve quem ficasse para a história. Lúcia Barreiros recorda as sonecas que o professor de Didáctica fazia na sala de aulas.

No intervalo das várias disciplinas que frequentavam, os alunos, numa pequena sala de convívio, ouviam telefonia que os ajudava a passar o tempo.

Já nas aulas de Educação Musical ensaiavam o hino de escola que, hoje, ainda mostram que não esqueceram.

Constituído por dois anos, o curso contemplava, na fase final, uma vertente prática em que os alunos contactavam de perto com as crianças das escolas primárias circundantes de Benfica. Por regra acompanhavam-nos à hora de almoço, e faziam jogos lúdicos com eles.

Um exame de saída permitia-lhes ter acesso a um estágio que decorria nas escolas primárias da zona de Lisboa.

No final os diplomados assistiam à consagração do curso em Fátima, numa reunião a nível nacional.

Desterrados e mal pagos

MANUAL Faria faz parte do grupo minoritário de rapazes que estudou no Magistério Primário de Lisboa de 1956 a 58. Frequentava a turma A, a única que tinha alunos do sexo masculino. Para Manuel Faria, naquela época os homens não queriam ser professores primários porque, para além do ensino ser "mal pago" os lugares disponíveis para trabalhar eram no interior do país "pelas aldeias". "Eram umas desgraçadas" diz o professor, "deslocavam-se de comboio e depois iam de bicicleta para as aldeias". Manuel Faria deu aulas em duas cidades: no Entroncamento, onde vivia, e em Vila Franca de Xira onde acabou por fazer a sua vida.

Em 1958/59, recorda-se perfeitamente, o valor do seu primeiro ordenado 1.114$70 (um conto cento e catorze escudos e setenta centavos). O que ganhava não chegava para os gastos essenciais obrigando-o, durante muitos anos, a conciliar a profissão de professor primário com outros biscates. Deu explicações e arranjou um trabalho à noite na Marinha.

Apesar de, mais tarde, ter optado pelo ensino no secundário, Manuel Faria não tem dúvidas que, a passagem pelo Magistério Primário e o privilégio de conviver com o director, Octávio das Neves d'Ordonatt, tiveram uma forte influência no seu desempenho como professor.

Almeida Fernandes e a qualidade do ensino superior

«Não é clara a divisão do ensino em politécnico e universitário»

«O ISEL constitui um caso de sucesso muito interessante, que devia ser mais analisado», diz, em entrevista à *Politecnia*, o professor Almeida Fernandes, Director do Departamento de Estruturas do LNEC. A divisão do ensino superior em politécnico e universitário não é, em sua opinião, clarificadora. «É-me mais fácil distinguir entre escolas de maior e menor sucesso ou entre um ensino de maior ou menor qualidade», diz o especialista, sem receio da polémica.

Entrevista conduzida por Clara Santos Silva • Fotos de Paulo Silveiro

POLITECNIA – Foi por a sua mãe ter sido a primeira mulher inscrita na Ordem dos Engenheiros que escolheu ser engenheiro?

ALMEIDA FERNANDES – A escolha da engenharia para a minha carreira profissional foi de facto uma opção tomada por mim desde muito cedo, ainda antes dos 10 anos de idade. Para tal talvez tenha contribuído o facto de ambos os meus pais serem engenheiros civis, embora o meu pai tenha seguido principalmente a carreira militar. A situação tinha no meu caso talvez um carácter um pouco especial, pois, ao contrário dos meus colegas e amigos, eu era o único que era filho de uma engenheira, aliás da primeira engenheira licenciada em Portugal. Por isso, quando perguntado sobre o que é que eu quereria fazer no futuro, respondia normalmente que queria vir a ser engenheiro como a minha mãe. O que normalmente fazia sorrir o meu pai, também engenheiro como ela.

POL. – E que influência exerceu sobre si um pai que desempenhou papel importante nos Caminhos de Ferro Portugueses?

A. F. – Ao contrário da minha mãe, que sempre exerceu actividades de engenharia civil, em particular na área da engenharia de estruturas, o meu pai teve uma carreira mais variada. Ocupou-se mais da área dos transportes e vias de comunicação, no estudo e planeamentos das infra-estruturas

ferroviárias nacionais. Recordo, por exemplo, que foi membro fundador da equipa técnica que estudou e projectou o Metropolitano de Lisboa, e que pertenceu, desde o início, ao Gabinete da ponte sobre o Tejo, em Lisboa. Na área estritamente militar foi um distinto oficial do Corpo de Estado Maior, antes de ascender a oficial general, onde foi Director da Arma de Engenharia.

POL. – E foi membro do Governo…

A. F. – Sim, em meados dos anos 50, como Sub-secretário de Estado e Ministro do Exército. É nesta situação que é confrontado com os acontecimentos de 1961 em Angola, altura em que se afasta de Salazar por defender, juntamente com Costa Gomes, uma solução política e não apenas militar. Infelizmente foi preciso assistir à perda de Goa e a mais de 13 anos de guerra em África, para virem finalmente a compreender a razão da sua atitude. É no consulado de Marcelo Caetano que o meu pai se dedica arduamente à tarefa de recuperação e modernização das infra-estruturas ferroviárias portuguesas, como administrador da CP entre 1968 e 1974. Em 1974 é reintegrado pelo MFA nas forças armadas, onde permaneceu ao serviço até perfazer o limite de idade em 1976.

POL. – A Engenharia de Estruturas, em que se especializou, é uma especialidade maior ou menor?

A. F. – A especialização em estruturas é desde há muito considerada como a de maior complexidade, no âmbito da Engenharia Civil. Tal deve-se, por um lado, ao tipo de ensino superior que temos, e por outro, por ser aquele ramo que mais se identifica com a engenharia civil, uma vez que visa construir, com economia, segurança e durabilidade, edifícios, pontes e outras estruturas similares. Tal como antes, no ingresso no LNEC, os candidatos melhor classificados manifestam normalmente preferência pela área de estruturas, em detrimento das restantes áreas científicas do LNEC. Já era assim quando em 1972 iniciei a minha carreira no Departamento de Estruturas do LNEC. A engenharia de estruturas, a que esteve ligado Manuel Rocha e que encontrou em Júlio Ferry-Borges uma das suas principais referências a nível mundial, procura desenvolver os meios e os métodos de concepção, análise e dimensionamento das construções, tendo em vista garantir a sua segurança e sustentabilidade.

POL. – Está tudo dependente da observação da obra ou há outras formas de diagnóstico?

A. F. – No âmbito da engenharia civil, as tarefas de observação das obras representam uma actividade de importância primordial. Procura-se na observação das obras recolher informação indispensável ao controlo da sua segurança e durabilidade. A observação das obras constitui, assim, a possibilidade de confronto dos modelos teóricos, usados na concepção, análise e dimensionamento das construções, com a própria realidade, que neste caso é o efectivo comportamento estrutural das construções, observado in situ. É a comparação entre as previsões, fornecidas pelos modelos, e as respostas reais das estruturas, obtidas pela sua observação, que nos permite validar ou aperfeiçoar os modelos teóricos, com vantagens directas para a segurança não só da própria obra, mas também de futuras construções similares.

POL. – A observação de estruturas não consiste apenas na sua observação visual expedita?

Da Academia Militar ao LNEC

O PRESTÍGIO de que goza actualmente João Carlos Chaves de Almeida Fernandes é o resultado de uma já longa carreira académica e científica, sempre ligada ao ensino e à investigação. Aos 59 anos, este engenheiro civil, especialista em Estruturas, dirige o Departamento de Estruturas do Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

Ex-aluno da Academia Militar, concluiu com distinção a Licenciatura de Engenharia Civil no Instituto Superior Técnico. Desde essa altura nunca mais abrandou o seu percurso académico e profissional, que culminou com a obtenção do Título de Habilitação para o exercício de funções de coordenação científica pelo LNEC.

Profissionalmente, iniciou-se como Monitor e Assistente do IST, seguindo-se uma ascensão no ensino e na investigação, maioritariamente no LNEC, a sua «casa» de sempre. É membro sénior da Ordem dos Engenheiros e exerce actualmente as funções de Equiparado a Professor Coordenador com Agregação no Instituto Superior de Engenharia de Lisboa, sendo responsável pela cadeira de Observação e Comportamento de Obras, do Mestrado em Engenharia Civil. Ainda nesta escola do Instituto Politécnico de Lisboa foi membro eleito, vários anos, da Assembleia de Representantes.

No Instituto Superior Técnico, onde estudou engenharia, chegou a leccionar Resistência de Materiais I e II, Mecânica Aplicada à Electrotecnia e Mecânica I e II. É autor ou co-autor de centenas de trabalhos técnicos e científicos, espelhando a sua larga experiência na área de estruturas e intervenção na realização de empreendimentos.

Tem sido associado a júris de importantes Prémios de Investigação.

A gestão tem vindo a assumir um papel de grande importância, nomeadamente no LNEC, sendo a par, Director da Revista Portuguesa de Engenharia de Estruturas.

A. F. – Pelo contrário, implica a sua adequada monitorização através do desenvolvimento de novos métodos e equipamentos de medida, normalmente muito diferentes e mais complexos do que os usados em laboratório, em salas climatizadas ou, pelo menos, protegidas do meio exterior. A observação rigorosa das construções constitui um dos principais campos de actividade do LNEC, desenvolvidos desde a sua criação em 1946, e muito contribuiu para que o Laboratório cedo adquirisse um lugar de destaque a nível mundial.

POL. – Pode dar-nos alguns exemplos de grandes estruturas em cuja observação tenha directamente participado?

A. F. – Os meus primeiros trabalhos no Departamento de Estruturas do LNEC estiveram ligados à observação das Docas da Setenave, então em fase de projecto e construção na Mitrena, na península de Setúbal. Foi uma experiência única para mim, dada a grandiosidade deste estaleiro, destinado à construção e à reparação dos maiores petroleiros, a nível mundial. Tratava-se de uma concepção muito arrojada, onde a colaboração do LNEC foi da maior importância.

POL. – Teve oportunidade de trabalhar com grandes especialistas?

A. F. – Recordo com gosto a importante aprendizagem que resultou do intenso contacto com investigadores seniores do LNEC, como José Folque, José Marecos e Emanuel Maranha das Neves. Infelizmente, os quentes anos de 1974 e 1975, pela indisciplina laboral e a irresponsabilidade então reinantes, acabaram por ter uma pesada influência na qualidade final da construção, o que acarretou enormes custos para a durabilidade das docas. Nada que o LNEC não tivesse, infelizmente sem êxito, repetidamente prevenido.

POL. – E depois disso?

A. F. – Dos trabalhos posteriores, gostaria de destacar a monitorização das pontes atirantadas do Guadiana e do Arade, em Castro Marim e em Portimão, e a Ponte Miguel Torga, sobre o Douro, na Régua. Construídas nos anos 90, também elas foram trabalhos de referência, citados a nível internacional. Por último, não podia deixar de referir a excelente colaboração do LNEC com a ANAM, no âmbito do projecto e construção da estrutura de ampliação da pista do aeroporto da Madeira. Trata-se também de uma estrutura única, a nível mundial, por se tratar de uma ponte de grande altura, com 1000 m de comprimento e 178 m de largura, a 50 m de altura sobre um aterro marítimo,

A especialização em estruturas é desde há muito considerada como a de maior complexidade, no âmbito da Engenharia Civil

e com a capacidade de permitir a aterragem de grandes aeronaves, como o Boeing 747-400, que pesa até cerca de 400 toneladas estáticas.

POL. – Uma grande obra já considerada como do século XXI.

A. F. – Sim, uma obra concluída já em 2002, que obrigou a resolver em tempo útil numerosos problemas nunca antes colocados à engenharia de estruturas, pelo que o seu sucesso se deveu a uma extraordinária e profícua colaboração verificada entre projectistas, construtores e investigadores. É quando as soluções são muito inovadoras que o papel da investigação em tempo real pode fazer a diferença, dada a inexistência de experiência prévia que tivesse sido obtida no projecto e construção de estruturas similares.

POL. – Que conclusões retira da sua intervenção, aquando da grave explosão de Novembro de 2007 num prédio em Setúbal?

A. F. – Uma vez que se conseguiram ultrapassar, com êxito, todas as dificuldades que punham fortemente em causa a possibilidade de salvação do prédio acidentado, para mim foi uma experiência muito interessante e altamente gratificante. Foram longos 30 dias que decorreram entre a explosão e a salvaguarda da estabilidade de um prédio de grandes dimensões, com 13 pisos, quatro condóminos por piso, para além do elevado número de lojas, garagens e arrecadações. Também os edifícios envolventes foram fortemente afectados pela explosão e estavam em risco de ser atingidos pelo colapso do edifício acidentado, pelo que se gerou assim uma situação grave do ponto de vista social.

POL. – A resposta da Protecção Civil esteve à altura?

A. F. – Bem, perante um problema desta dimensão, envolvendo mais do que um quarteirão, a Protecção Civil, intervindo a nível distrital mas com o necessário apoio nacional, é capaz de controlar com eficiência uma operação de estabilização. Também verifiquei a prontidão com que foi solicitada a colaboração do LNEC, por mim coordenada, e a facilidade com que técnicos com experiência profissional tão diferenciada, e pertencendo a inúmeros organismos diferentes, conseguiram dar as mãos para, em uníssono, darem solução, em curtíssimo prazo, aos sucessivos problemas que surgiam quase em simultâneo. Espero em breve poder publicar, na Revista Portuguesa de Engenharia de Estruturas, de que sou presentemente o Director, alguns artigos que permitam descrever as diversas tarefas efectuadas e justificar, do ponto de vista técnico, as principais decisões tomadas. Trata-se, segundo creio, de uma importante oportunidade de relatar um caso de elevada complexidade técnica, e de divulgar a experiência obtida pelos vários intervenientes nesta operação.

POL. – A imensidão de edifícios degradados em Lisboa é o sinal de uma sociedade doente, que

[É precisa] uma nova política de arrendamento que permita a reabilitação e manutenção, funcional e estrutural, dos edifícios antigos

não preserva o seu parque habitacional?

A. F. – O edificado urbano das grandes cidades portuguesas, como é o caso de Lisboa e do Porto, encontra-se em geral muito degradado, sendo isso visível, particularmente, nas zonas mais antigas. Uma tal situação deve-se à política de congelamento das rendas, seguida há muitas décadas, que torna economicamente inviável a adequada manutenção ou reabilitação dos edifícios arrendados. No caso de Lisboa, ou de outras cidades do Centro e Sul do país, a situação é ainda mais preocupante por se tratar de uma zona de elevado risco sísmico. Os prédios, ao não serem sujeitos a uma periódica conservação estrutural, vêem drasticamente diminuída a sua capacidade de resistirem à acção de um sismo intenso. No entanto, uma vez que o número de arrendamentos antigos tem vindo progressivamente a decrescer, por já não ser possível a sua renovação, após o falecimento dos arrendatários, torna-se cada vez mais viável o desenvolvimento de uma nova política de arrendamento que permita a reabilitação e manutenção, funcional e estrutural, dos edifícios antigos.

POL. – O Departamento de Estruturas do Laboratório Nacional de Engenharia Civil não pode fazer nada a este propósito?

A. F. – O LNEC tem procurado contribuir para a solução deste grave problema, colaborando com as autoridades nacionais e autárquicas. Existem hoje, do ponto de vista técnico, soluções mais que suficientes para a adequada reabilitação do edificado urbano. O problema é portanto económico e principalmente político.

É quando as soluções são muito inovadoras que o papel da investigação em tempo real pode fazer a diferença

POL. – O LNEC continua bem ou já foi afectado pela crise?

A. F. – O LNEC, fundado em 1946, tem já uma longa história, de mais de 60 anos. Ao longo destas seis décadas sempre soube adaptar-se às novas conjunturas sem perder as principais características que justificam a sua existência. De entre essas características, destacam-se pela, sua importância, a capacidade de desenvolver a investigação e de apoiar a inovação, no âmbito da indústria da construção e obras públicas, com independência e isenção, com vista à salvaguarda do interesse público e da segurança das populações. No que respeita à actual crise financeira internacional, perspectiva-se um reforço da acção do LNEC, nomeadamente no âmbito das políticas públicas a desenvolver com vista à superação desta crise.

POL. – Há quem aponte o caso da Ponte de Viana de Castelo como paradigmático da sua actividade. Não teria sido preferível construir uma nova ponte?

A. F. – A Ponte Eiffel rodo-ferroviária de Viana do Castelo faz parte do nosso

principal património histórico, a nível europeu. Trata-se de uma ponte construída em 1878, em solução metálica, em viga contínua e vencendo um grande número de vãos. A sua substituição, se tal fosse necessário e imprescindível, seria portanto uma grande perda para o nosso património histórico. Felizmente, os estudos que o LNEC desenvolveu com grande celeridade, entre 1 de Agosto e 15 de Setembro de 2006, com o apoio das administrações nacionais rodoviária e ferroviária, permitiram demonstrar que era possível a sua manutenção, desde que tivesse lugar a sua adequada reabilitação.

POL. – Os técnicos costumam ser pressionados, num sentido ou noutro?

A. F. – É natural que possam surgir pressões, quando se trata do desenvolvimento de estudos conducentes à tomada de decisões com implicações económicas relevantes. O que não seria de forma alguma aceitável é que a condução dos estudos e o apuramento das conclusões pudessem ser influenciados por essas pressões. Também nisso o LNEC constitui uma referência, a nível internacional, de isenção, competência e credibilidade.

POL. – As preocupações de que temos estado a falar estão todas contempladas nos cursos do ISEL, e em cuja acreditação participou?

A. F. – Fui convidado para dar aulas no ISEL em 1990, no âmbito da criação dos Cursos de Estudos Superiores Especializados (CESEs), que, com mais dois anos curriculares dados a seguir ao bacharelato, permitiam ao ISEL conceder o grau de licenciado. Criei e passei a reger uma cadeira do último ano, designada Comportamento e Observação de Obras. Através da leccionação desta cadeira, estabeleceu-se então uma importante relação entre mim próprio, e entre os meus colegas investigadores do LNEC que comigo asseguravam a docência, e os finalistas do ISEL em engenharia civil que frequentavam a disciplina. Foi extremamente interessante e motivadora essa relação, em que era possível transmitir directamente aos alunos os resultados de trabalhos de investigação ou inovação ainda em curso no LNEC. Com a extinção dos CESEs foi necessário criar uma licenciatura bi-etápica em engenharia civil em sua substituição. Tive então a oportunidade de participar nessa alteração, revendo e ponderando os respectivos curricula, quer da primeira fase, correspondente ao bacharelato, quer da licenciatura. Foi uma experiência altamente gratificante, que permitiu aumentar em muito o meu conhecimento da própria escola, dos seus antecedentes e da sua história, e melhor compreender o seu papel no mundo cada vez mais globalizado em que vivemos. A excelência do trabalho por todos realizado pode aferir-se pelo facto de se ter obtido, e desde então mantido, a sua acreditação pela Ordem dos Engenheiros.

POL. – Que importância assume o ISEL no universo das escolas de engenharia?

A. F. – O ISEL constitui um caso de sucesso muito interessante e que devia, em minha opinião, ser mais e melhor analisado. No caso do Curso de Engenharia Civil, que inclui actualmente a nova licenciatura e o mestrado de Bolonha, julgo ter-se conseguido uma solução muito competitiva, no âmbito do ensino superior público nacional. Tal deve-se, desde logo, à excelência das suas novas instalações, o novo Pavilhão de Engenharia Civil, recentemente inaugurado, que recebeu o nome do Professor Engenheiro Ferreira Cardoso. Os espaços disponibilizados para o trabalho dos alunos, incluindo os novos laboratórios, constituem um desafio a toda a comunidade escolar que urge vencer e consolidar. Um grande cuidado deverá continuar a ser mantido na selecção do corpo docente, enriquecendo-o continuamente, quer com docentes de carreira mais académica, preferencialmente doutorados, quer com docentes que desenvolvam excelentes carreiras profissionais, preferencialmente especialistas. Uns e outros são, em minha opinião, igualmente necessários. Aos primeiros caberá em primeira responsabilidade o progressivo desenvolvimento "intra muros" de projectos de investigação aplicada e prestação de serviços inovadores, libertando o ISEL de tutelas exteriores que hoje já não se justificam. Aos segundos, acumulando com uma vida profissional, caberá orientar o ensino para o exercício competente da profissão, garantindo a manutenção dos elevados níveis de empregabilidade, indispensáveis ao continuado sucesso dos nossos diplomados.

Um grande cuidado deverá continuar a ser mantido na selecção do corpo docente, enriquecendo-o continuamente, quer com docentes de carreira mais académica, preferencialmente doutorados, quer com docentes que desenvolvam excelentes carreiras profissionais

POL. – O Ensino Politécnico é o futuro?

A. F. – Não é para mim inteiramente clara a divisão do ensino superior em politécnico e universitário. Normalmente tal divisão é encarada como se de dois níveis se tratasse. No entanto, no caso da Engenharia Civil, ambos os sub-sistemas em Portugal procuram formar quadros para exercerem idêntico nível de competências e actividades profissionais. Pelo contrário, é-me mais fácil distinguir entre escolas de maior e menor sucesso, ou entre um ensino de maior ou menor excelência ou qualidade. Porém, nenhuma destas características são específicas de apenas um dos dois sub-sistemas. Aliás, existem a nível internacional inúmeros casos em que as próprias designações não correspondem a esta divisão, como é o caso das Gran-

des Écoles francesas, do Politécnico de Milão, do MIT, ou das Escolas Politécnicas Federais da Suiça, as quais ocupam, nos respectivos países, um lugar bem acima do universitário.

POL. – Gosta mais de ensinar ou de investigar?

A. F. – Curiosamente, o meu primeiro emprego foi como monitor de Resistência de Materiais, uma cadeira do 3º ano do IST, regida pelo Professor Eduardo Arantes e Oliveira, quando ainda frequentava o 4º ano do mesmo curso. Mantive-me como docente do IST por mais seis anos. No entanto, à época, as condições de trabalho de investigação disponibilizadas pelo LNEC, com o qual tinha entretanto iniciado uma colaboração, eram de tal forma superiores e atractivas, que não tive grande dificuldade em optar pela carreira de investigação. Assim, em minha opinião, para um investigador, a docência deve ser encarada como uma importante oportunidade de transmissão e divulgação de conhecimentos directamente por si adquiridos através das actividades de investigação ou de inovação. Deste modo pode-se dar um importante contributo para a actualização dos curricula e para a exemplificação da própria investigação. Vejo a docência a tempo parcial como uma importante actividade complementar da actividade de investigação e inovação.

POL. – A investigação que realizou sobre as pontes enviesadas conduziu a alguma surpresa?

A. F. – A carreira de investigação do LNEC desde cedo foi organizada em graus científicos. Esses graus foram criados no LNEC, em 1954, pelo facto de as duas únicas escolas que formavam engenheiros em Portugal, o IST e a FEUP, não produzirem de forma organizada, actividades de investigação científica. Assim a carreira de investigação do LNEC desenvolveu-se em dois graus científicos. O grau de especialista, equiparável ao grau de doutor. O grau de investigador, equiparável ao título de agregado. Era com base nestes dois graus, e só com base neles, que se progredia na carreira de investigação do LNEC. Esta situação veio posteriormente a alterar-se. De facto, desde 1990, devido ao progressivo desenvolvimento de actividades de investigação nas universidades portuguesas e ao aumento significativo do número de portugueses doutorados no estrangeiro, a carreira de investigação do LNEC passou a iniciar-se com a obtenção do grau de doutor. É neste contexto, o da progressão na carreira de investigação do LNEC, que eu iniciei em 1980, e defendi em 1984, uma tese para obtenção do grau de especialista do LNEC sobre a optimização estrutural de pontes enviesadas.

POL. – Foi um estudo minucioso e certamente prolongado.

A. F. – Bem, o período de cerca de cinco anos, os três últimos praticamente em exclusividade, que dediquei à preparação desta tese, pode dar uma medida da importância e profundidade posta então pelos assistentes de investigação do LNEC na preparação das suas dissertações. No meu caso, posso testemunhar tratar-se do trabalho mais aprofundado e formativo produzido ao longo da minha vida profissional, em tudo semelhante ao esforço produzido pelos diversos doutorandos que no LNEC, e sob a minha directa orientação, preparam as respectivas dissertações de doutoramento. Para além da resolução de problemas concretos, a preparação destas dissertações representavam um decisivo papel formativo, indispensável ao acesso à primeira das categorias de investigador, a de investigador auxiliar do LNEC. Da resolução do problema concreto em causa, destacaria a importante exemplificação da utilização dos meios informáticos, recorrendo às modernas técnicas de então, do cálculo automático das estruturas, e das teorias de optimização estrutural. A consulta deste trabalho foi, por outro lado, e durante anos, um elemento de referência em diversos gabinetes de projecto.

Vejo a docência a tempo parcial como uma importante actividade complementar da investigação e inovação

POL. – Mário Lino é um bom ministro das Obras Públicas?

A. F. – Como elemento com responsabilidades directivas num organismo do MOPTC, não estou obviamente em condições de lhe responder directamente a esta questão. Para que a acção do LNEC possa ser posta ao serviço do País é necessário que, em cada situação concreta, o LNEC seja chamado a intervir. Portanto, o melhor ou pior aproveitamento que a sociedade possa fazer de um organismo de investigação como o LNEC, na sua qualidade de Laboratório de Estado, depende em grande medida da decisão do próprio poder político, através das diferentes autoridades oficiais, ou do poder económico, através dos responsáveis máximos de cada empreendimento concreto. Estes são os principais "clientes" do LNEC. Deles depende a possibilidade ou não da nossa intervenção. Nesse âmbito, gostaria de recordar que o crescente papel desenvolvido pelo LNEC ao serviço do País nos últimos anos resultou em boa parte de iniciativas do poder político, em particular de entidades oficiais tuteladas pelo MOPTC. Sem estas iniciativas o LNEC não teria sido chamado a actuar. Por outro lado, e sem prejuízo das evidentes vantagens que resultam para qualquer organismo em ser competitivo e prestigiado a nível internacional, vantagens essas que, no caso do LNEC, pela qualidade da sua investigação, desde cedo alicerçaram a sua credibilidade, é particularmente gratificante para todos quantos nele trabalham a possibilidade de ser útil ao seu próprio País, na sua qualidade de grande Laboratório de Estado.

POL. – A carreira política interessa-lhe?

A. F. – Até hoje a minha carreira científica, técnica, docente e de gestão científica, tem preenchido cabalmente as minhas principais aspirações.

Actor, encenad

Pedro Saavedra:

No teatro sobe ao palco para interpretar personagens bíblicas na comédia «A Bíblia: toda a palavra de Deus (d' uma assentada)», já na televisão, na novela Vila Faia, desempenha o papel do marido exemplar que tem o vício incontrolável por prostitutas. Falamos de Pedro Saavedra, formado pela Escola Superior de Teatro e Cinema, que, aos 33 anos, faz a sua estreia televisiva no remake da primeira telenovela portuguesa.

Textos de Vanessa de S. Glória

Tânia Araújo

Pedro Saavreda na comédia "A Bíblia: toda a palavra de Deus (d' uma assentada)"

APAIXONADO pela arte de representar, Pedro Saavedra foi um dos actores escolhidos para participar na nova versão da Vila Faia, a primeira telenovela portuguesa que, em Maio de 1982, estreava na Radiotelevisão Portuguesa, deixou marcas no público e no contexto da ficção nacional. Passados 27 anos, mais de um milhão de portugueses assistiu à estreia da nova versão que tem um elenco de actores licenciados pela Escola Superior de Teatro e Cinema. É o caso de Pedro Saavedra que, no papel de Bruno Brisar, faz parte, pela primeira vez, de um elenco fixo em televisão.

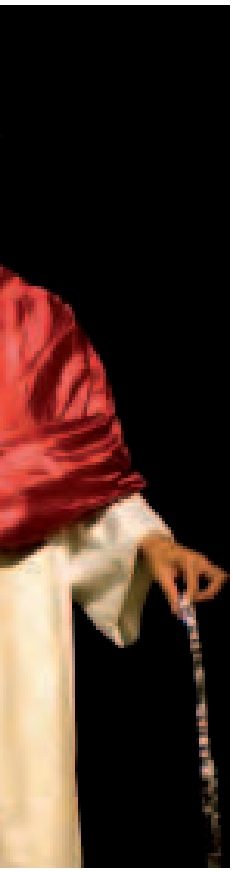
Pedro Pina

Pedro Saavedra polémico: «Filipe La Feria podia ensinar teatro comercial»

Dotado já de alguma experiência profissional como actor e encenador, Pedro Saavedra concilia o trabalho televisivo com o teatro. Na comédia "A Bíblia: toda a palavra de Deus (d' uma assentada)", em cena no auditório Carlos Paredes, em Benfica, encarna, ao longo da peça, as múltiplas personagens femininas da Bíblia. Da autoria de Adam Long, Reed Martin e Austin Tichenor, o espectáculo adaptado por Célia Mendes e encenado por Juvenal Garcês, traduz-se numa leitura divertida dos principais episódios narrados nos Livros Bíblicos, do Génesis ao Apocalipse. Uma produção da Companhia Teatral do Chiado, estreada no Teatro-Estúdio Mário Viegas, e que, sem desrespeito pela religião, esclarece

dor e professor

santo & pecador



Maria Lucena

O actor na pele de Bruno Brisar, o viciado em prostitutas da telenovela Vila Faia

questões suscitadas pelos textos sagrados e pelo cristianismo. No espectáculo que já esteve em digressão no Entroncamento e em Faro, o actor contracena com Pedro Luzindro e Ricardo Cruz.

Do palco do teatro para os estúdios da televisão, Pedro Saavedra confessa ter sentido algumas dificuldades. Perfeccionista por natureza e exigente consigo próprio, empenhou-se com alma e coração no desempenho da sua personagem: Bruno Brisar. Um director financeiro bem sucedido, casado, que esconde da mulher, Sandra Faleiro no papel de Inês Brisar – também ela aluna da ESTC –, o vício incontrolável por prostitutas.

Fiel à história, mantendo os nomes originais e as principais características das personagens, o remake da Vila Faia sofreu algumas adaptações aos dias de hoje. O tema principal da novela portuguesa mantém-se: uma família de classe alta, Marques Vila, proprietária de uma empresa vinícola produtora do famoso vinho Vila Faia. Órfãos, filhos desencontrados dos pais, mães que não conseguem comunicar, irmãos que se afastam e procuram, homens e mulheres que procuram seguir o caminho

O actor na sua actividade de formador numa escola do ensino básico de Lisboa

desejado pelos pais e outros que desejam fazê-lo em sentido precisamente inverso, são algumas das histórias da trama. No final todas as personagens procuram cumprir o seu destino; uns porque nunca lhe souberam fugir, outros porque o reinventaram.

Nomes e principais traços das personagens originais mantiveram-se. Outros temas como internet, vícios do jogo, divórcio, ecologia, foram introduzidos nesta nova versão, reflectindo a realidade vivida actualmente na sociedade portuguesa.

Produzido pela SP televisão, Pedro Saavedra não deixa de tecer elogios a toda a equipa por detrás do projecto, frisando que exigência e motivação foram sempre uma constante. Num elenco de 34 actores não faltaram actores consagrados e novos talentos. Entre as caras conhecidas os protagonistas Inês Castel-Branco, intérprete de "Mariette", e Albano Jerónimo, na pele de "Godunha", Virgílio Castelo (Gonçalo), Sofia Sá da Bandeira (Madalena), Rosa do Canto (Alice) e Simone de Oliveira que desempenha o papel de Ifigénia, personagem interpretada pela actriz Mariana Rey Monteiro na primeira versão da Vila Faia.

Orgulhoso pelo seu trabalho, na fase de preparação da personagem tentou, ouvindo vários testemunhos, perceber as razões que levam os homens a procurar a vida dupla da personagem.

Saavedra em nome da justiça

Lightshot

NO PAPEL de procurador do Ministério Público, Pedro Saavedra, tem uma participação especial na nova série televisiva portuguesa "Liberdade 21" exibida na RTP1. Centrada no tema da justiça, esta produção de ficção dá a conhecer o dia-a-dia de um escritório de advogados de Lisboa. A sociedade, Vasconcelos, Brito e Associados, não olha a meios para defender os seus clientes. Produzida pela SP televisão conta no elenco com alguns dos rostos que dão vida à telenovela "Vila Faia". António Capelo, Ana Nave, Albano Jerónimo, Ivo Canelas, Mariana Norton, Inês Castelo-Branco e muitos outros dão a cara na Liberdade 21, uma série da autoria de Pedro Lopes.

Reinventar o mundo em cima do palco

PEDRO Saavedra nasceu em 1976 e em pequeno nunca pensou em seguir a carreira de actor. Na Escola Secundária da Falagueira, na Amadora, com Carla Chambel, amiga e colega de profissão, foi co-autor e simultaneamente actor de um espectáculo de expressão corporal. Foi a primeira vez que pisou um palco. Surpreendido pela reacção do público sentiu-se "integrado pela primeira vez na vida", diz o actor. Mais do que se preocupar com a profissão que iria ter no futuro, percebeu que o que realmente pretendia "era fazer parte de um todo". Fascinado pelo momento da criação no mundo teatral, Pedro Saavedra vislumbrou-se com a possibilidade que a arte de representar lhe dava de recriar o mundo. Para seu espanto foi admitido na Escola Superior de Teatro e Cinema onde concluiu o bacharelato em Formação de Actores, para a licenciatura falta-lhe ainda entregar o relatório.

Aprendeu com o professor João Mota, a quem considera um mestre, os conteúdos da profissão e a importância da ética no desempenho da mesma.

Mais tarde teve o privilégio, como diz, de trabalhar com o mestre no Teatro da Comuna.

Por considerar que os alunos, ao terminarem o curso, têm de estar preparados para representar nas diferentes vertentes do teatro, onde existir mercado, sugere que no corpo docente da escola deviam fazer parte profissionais destas áreas "porque não Filipe La Feria em representação do teatro comercial", sugere Pedro Saavedra.

Frequentava o 2º. ano do curso quando se estreou profissionalmente tinha apenas dezanove anos, no Teatro de Almada. Desde então, em Portugal e na Europa, tem feito trabalhos como actor, encenador e professor. Na Eslovénia participou no Gfest, em Espanha e Itália exibiu La Noche de Casandra, e fez parte do II Gabbiano na França e na Itália. Já por terras lusas, no Teatro da Comuna, participou na peça Medida por Medida de William Shakespeare, encenada por João Mota. Formador em expressão dramática para crianças, tem desenvolvido vários projectos de teatro juvenil e amador. Em 2000, e durante três anos, foi professor do Externato Marista de Lisboa. Regressou em 2006 ao Teatro de Almada para participar na comédia trágica D. Juan de Moliére, com encenação de Joaqiuim Benite. Também neste palco fez parte do espectáculo teatral Calígula. Nos Recreios da Amadora, a cidade onde vive, levou ao palco Absence e P- O Amante Visual. Frequentou a École des Maîtres, dirigida por Eimuntas Nekrosius.

Escola Superior de Dança de portas abertas

Noites de dança no Bairro Alto

A Escola Superior de Dança continua a animar as noites de quarta-feira no Bairro Alto com os seus espectáculos no "Átrio". Este espaço tornou-se rapidamente uma referência na apresentação de coreografias inovadoras, permitindo a alunos e coreógrafos testar a sua criatividade junto de um público sempre numeroso.

Textos de Paulo Silveiro • Fotos de Clara Santos Silva

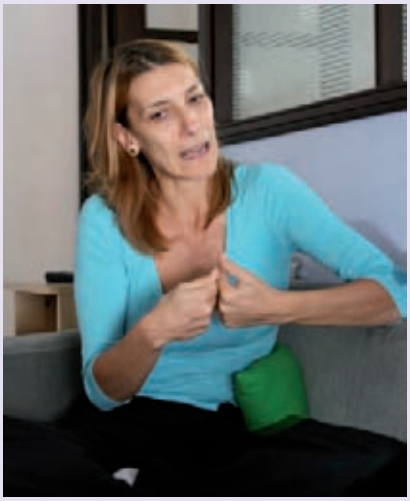
A IDEIA de apresentar espectáculos no átrio das suas instalações, ao Bairro Alto, surgiu da necessidade de Escola Superior de Dança encontrar um espaço onde os alunos pudessem mostrar as suas actividades. Segundo o professor Francisco Pedro, um dos dinamizadores do projecto "Átrio", o aparecimento dos programadores nos teatros retirou espaço às escolas artísticas que, até aí, tinham a possibilidade de actuar nas salas de espectáculos. Como as escolas se debatem sempre com a falta de financiamento, e na maioria dos casos não dispõem de auditórios, a opção passa pelo aproveitamento de espaços que se adaptem à exibição de espectáculos. Foi assim que nasceu a ideia de transformar o átrio da ESD num pequeno auditório informal, onde os alunos têm a oportunidade de gerir e de apresentar os seus trabalhos dentro de um meio semi-profissional.

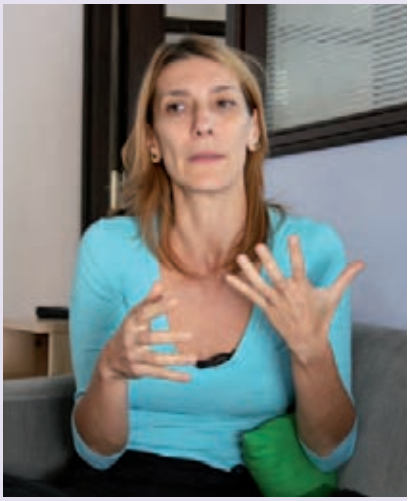
O Átrio tem duas características que levaram à sua escolha como local privilegiado para apresentação de espectáculos. Uma é a sua comunicação directa com a rua, que permite ao público entrar directamente para o espaço sem passar pelos corredores da escola. E a outra, a sua configuração, que permite uma maior proximidade ainda entre o público e os alunos.

Inicialmente os espectáculos eram apresentados às quartas-feiras de cinco em cinco semanas, o que requeria por parte dos alunos um grande esforço, como nos confidenciou Francisco Pedro, uma vez que tinham de conjugar as aulas teóricas com as práticas. Nos dias dos espectáculos, os alunos entravam às nove da manhã e saiam à meia-noite.

O Processo de Bolonha trouxe modificações, houve uma alteração do currículo do curso de dança e do calendário escolar. Passaram a exis-

A ragazza que se apaixonou por Lisboa





TERESA Ranieri é uma italiana que já possui um vasto currículo como coreógrafa de dança contemporânea. Além de Itália, já passou por França, Alemanha, e Áustria. A partir de 2000 passou a trabalhar como bailarina, coreógrafa, professora de Ballet e dança contemporânea percorrendo todos os Países Europeus, a Palestina, o Japão e a Coreia. É desde 2004 professora de dança contemporânea na ESD. Vive há três anos em Lisboa, cidade que adora, pela luz e pelas pessoas.

A bailarina possui formação de dança clássica, que considera importante para os bailarinos conhecerem os seus corpos e se situarem no espaço. A conjugação de formação clássica com contemporânea é artisticamente muito interessante, permitindo ao corpo do bailarino, soluções compostas que de outra forma seriam difíceis de executar.

Teresa tem um estilo próprio caracterizado por grande empenhamento físico sempre com respeito pelo corpo e os seus limites. Nas aulas respeita todas as etapas, começando por um bom aquecimento. O essencial é o bailarino ter o controlo absoluto do corpo, como por exemplo na peça "Under 0º" onde têm que se movimentar por entre copos colocados no chão. A geometria de linhas rectas está sempre presente nos trabalhos da coreógrafa, não gosta dos círculos, preferindo coreografar movimentos que incluam rectângulos ou quadrados jogando com as luzes no aproveitamento tridimensional do espaço.

Como docente, foi complicado para Teresa Ranieri enquadrar-se no sistema de ensino artístico português. No estrangeiro, os professores passam mais tempo a trabalhar com os alunos, em Portugal há uma dispersão na carga horária por vários docentes. Também lá fora, as escolas têm alunos de várias nacionalidades, no nosso país os alunos são maioritariamente portugueses. Um aspecto positivo que encontrou aqui foi o apoio criativo dado aos alunos. A escola permite aos alunos trabalharem e apresentarem as suas peças, levando-os a um processo criativo muito importante, nos outros países a aposta é feita essencialmente no aperfeiçoamento da técnica.

O Processo de Bolonha, ao contrário do que seria desejável, não veio tornar homogéneo o ensino entre as várias escolas artísticas. Para a coreógrafa vão existir sempre perfis diferentes entre as instituições de ensino, a escola perfeita deveria dar aos alunos as ferramentas técnicas mas também espaço para ele desenvolver a criatividade.

tir cinco semanas curriculares onde os alunos apreendem sistemas metodológicos e estruturas coreográficas, e uma sexta semana dedicada à apresentação de alguns espectáculos em função do que os alunos estudaram nas unidades curriculares. Com a implementação do Processo de Bolonha as apresentações dos alunos vão finalmente ser alvo de avaliação. Para Francisco Pedro, este modelo tem semelhanças com o que se passa no mercado de trabalho, onde se começa por implementar objectos artísticos, criativos, teóricos e práticos, seguindo-se o ciclo das apresentações.

Estes espectáculos envolvem um conjunto de acções que envolvem as três áreas científicas da Escola, a de análise e conteúdos, criação e interpretação e a de projecto onde todas as unidades curriculares convergem para um objecto. Para o docente da ESD, os espectáculos do Átrio permitem aos alunos retirarem uma interdisciplinaridade, uma capacidade de gerir novas situações, de criarem e de errarem, o que acaba por ser muito importante porque só desta forma

Francisco Pedro: o dinamizador da ideia

eles podem evoluir. O facto de o erro acontecer no seio da Escola acaba por não ser grave, uma vez que faz parte da preparação dos alunos para o mercado de trabalho. Uma das preocupações da Escola tem sido o convite feito aos profissionais do mundo artístico para realizarem workshops em várias áreas, desde os figurinos até à maquilhagem, que ofereçam aos alunos uma experiência idêntica ao que se faz no mercado de trabalho.

Nos espectáculos do Átrio já passaram nomes sonantes como os de Rui Horta, Olga Roriz, Rui Lopes Graça, Amélia Bentes, entre outros. A média de espectadores tem vindo a aumentar de ano para ano, actualmente situa-se nas oitenta pessoas por espectáculo, o que é um bom número dentro do que é habitual nesta área. Mas a Escola Superior de Dança, para além dos espectáculos realizados pelos seus alunos, também é um espaço onde alguns profissionais do ramo podem apresentar as suas criações. No fundo a ESD continua a ser um ponto no Bairro Alto, onde várias correntes artísticas se podem encontrar e debater ideias.

A loucura da sociedade contemporânea

EM NOVEMBRO de 2008 Teresa Ranieri apresentou no Átrio uma obra intitulada “Under 0º”, que foi especialmente criada para alguns finalistas do curso de licenciatura em Dança. Este trabalho surge na continuação de um outro criado há um ano «0º», e fecha um ciclo que reflecte a experiência da coreógrafa quando viveu no Norte da Europa, numa sociedade com uma arquitectura rectilínea e com a predominância do preto e branco.

O trabalho “Under 0º” procurou abordar temas como a dificuldade de equilíbrio nas relações humanas, a distância, apesar da proximidade física, o medo de perturbações emocionais e a solidão na individualidade foram os tópicos utilizados na criação da coreografia de Teresa Ranieri.

A coreógrafa entende que na sociedade contemporânea o individualismo reina, o conceito de comunidade está em desuso e a própria família está em crise. Foi isso que Teresa Ranieri procurou transmitir ao agrupar a turma em duetos na performance que apresentou no Átrio, a loucura da sociedade contemporânea, que se desgasta na procura do sucesso. Os alunos da ESD, procuram no palco transmitir aos espectadores, a solidão interior dos que vivem rodeados de pessoas.

Avaliação dos docentes exige adaptação

A LEI de Orçamento para 2009 corrobora o nosso entendimento no tocante à manutenção da carreira do pessoal docente do ensino superior, quer no respeitante à adopção do regime do contrato de trabalho em funções públicas quanto à constituição de novas relações jurídicas com manutenção das situações existentes à data da entrada em vigor da Lei 12-A/2008, quer no que respeita à aplicação de um sistema de avaliação ao pessoal docente do ensino superior. A publicação das Leis 66-B/2007, que reformula o Sistema Integrado de Avaliação de Desempenho na Administração Pública; e 12-A/2008, que define e regula os regimes de vinculação, carreiras e remunerações dos trabalhadores que exercem funções públicas, não tendo excluído do seu âmbito o pessoal docente nem previsto qualquer tipo de ressalva, veio a suscitar dúvidas quanto à sua efectiva aplicação e aos termos a seguir para este desiderato.

A Lei 66-B/2007 institui o sistema integrado de gestão e avaliação do desempenho na Administração Pública e aplica-se aos serviços públicos, seus dirigentes e demais trabalhadores, numa concepção integrada dos sistemas de gestão e avaliação, permitindo alinhar os desempenhos dos serviços e dos que neles trabalham.

Da análise do disposto nos artigos 1.º e 2.º da Lei 66-B/2007 resulta que o pessoal docente também está sujeito ao Sistema Integrado de avaliação de desempenho e abrangido pelo SIADAP. Desde logo porque o âmbito de aplicação do diploma engloba a administração indirecta do Estado, onde se incluem universidades e politécnicos, podendo os subsistemas ser objecto de adaptação às especificidades das instituições, nos termos do artigo 3.º da mesma lei.

Neste sentido, e até que seja instituído um sistema de avaliação para os docentes do ensino superior, a solução para a dificuldade prática de aplicação do SIADAP a esse pessoal encontra-se no n.º 7 do artigo 113.º da LVCR, cuja previsão abrange "os trabalhadores cujo desempenho não tenha sido avaliado, designadamente por não aplicabilidade ou não aplicação efectiva da legislação em matéria de avaliação de desempenho".

De acordo com o estatuído no n.º 6 do artigo 113.º da LVCR é atribuído um ponto por cada ano não avaliado, num total de 4 pontos, relativamente aos anos de 2004 a 2007, podendo o docente alterar a sua posição remuneratória apenas quando perfizer o total de 10 pontos. Em alternativa, o docente poderá requerer a realização da sua avaliação através de ponderação curricular, nos termos da Lei 66-B/2007, aplicada com as necessárias adaptações. Todavia, a aplicação deste mecanismo de ponderação suscita a questão de saber a quem competirá assegurar a condução e fixação dos critérios. Ao Conselho Coordenador de Avaliação previsto para os restantes trabalhadores da Administração Pública? aos Conselhos Científicos e Pedagógicos? ou a todos em conjunto?

Em nosso entender, a resposta a esta questão deve ter em conta a estrutura do ensino superior conjugada com a prevista na Lei para o SIADAP, pelo que esta tarefa deverá ser cometida, de forma conjugada, aos Conselhos Científicos e Pedagógicos, em articulação com o Conselho Coordenador de Avaliação.

A conclusão a que podemos chegar é a de que os docentes, muito embora pertençam a uma carreira integrada num corpo especial, não se encontram fora do âmbito de aplicação do SIADAP, havendo no entanto que proceder às necessárias adaptações. O facto de se auto-excluírem do SIADAP, por já serem avaliados pelo Estatuto, não faz com que estejam, de facto e de direito, excluídos daquele sistema de avaliação. É que, se é certo que o Decreto-Lei 185/81 faz menção à classificação dos docentes, também o é que esta é uma avaliação de mérito, feita para fins específicos e delimitados, no caso a renovação de contratos, passagem a nomeação definitiva ou avaliação quinquenal dos professores com nomeação definitiva, não configurando, neste sentido, uma avaliação, pelo menos na acepção com que é utilizada para efeitos do SIADAP e da LVCR.

Deste modo, e até que os órgãos estatutariamente competentes decidam sobre a adopção de um sistema de avaliação especificamente aplicável ao pessoal docente, a solução deverá passar pela aplicação do preceituado no n.º 7 do artigo 113.º da LVCR, sendo que os docentes poderão recorrer ao mecanismo de avaliação por ponderação curricular, lançando mão à faculdade que o n.º 9 daquele artigo lhes confere, aplicada com as necessárias adaptações.

Relativamente a esta possibilidade, a competência para assegurar o processo, no que respeita à fixação dos critérios e respectiva valoração, deverá ser cometida aos Conselhos Pedagógico, Científico e Coordenador de Avaliação, atendendo à especificidade das suas funções no contexto do ensino superior e da avaliação em geral (como forma de garantir a unidade da avaliação/gestão integrada dos recursos humanos das instituições de ensino superior).

Maria Feliciana Cardoso *

Os docentes, muito embora pertençam a uma carreira integrada num corpo especial, não se encontram fora do âmbito de aplicação do SIADAP, havendo, no entanto, que proceder às necessárias adaptações

* Gabinete Jurídico do IPL

Festival Internacional

Portugal aos quadradinhos na

De portas abertas à comunidade, a Escola Superior de Teatro e Cinema acolheu pela primeira vez a jóia da coroa do Festival Internacional de BD da Amadora: a banda desenhada portuguesa. Referência maior das histórias aos quadradinhos *made in* Portugal, José Garcês, o artista convidado, foi ali homenageado, naquele que foi um dos pontos altos do certame.

Textos de Vanessa de S. Glória
Fotos de Bruna Viegas

AO ACOLHER a iniciativa, a Escola Superior de Teatro e Cinema tornou-se ponto de passagem obrigatório não apenas dos fanáticos das histórias aos quadradinhos mas, também, da generalidade dos visitantes do Festival Internacional de Banda Desenhada da Amadora. Reafirmando a sua ligação à comunidade local e a abertura ao exterior, a escola deu a conhecer uma das partes mais importantes da obra de José Garcês, condensada na mostra "Desenhar a Música".

Artista conceituado, José Garcês, que já completou 80 anos, tem participado em praticamente todas as publicações e iniciativas da especialidade realizadas em Portugal.

Homem da Amadora, para além de autor de banda desenhada é ilustrador, pintor, e professor. Ao longo da sua carreira teve a oportunidade de estudar com os melhores mestres e nas melhores escolas da sua época desenvolvendo o desenho clássico. Utilizando a arte aos quadradinhos numa vertente histórica e pedagógica, conta a história através de histórias de BD.

Internacionalmente reconhecido no universo da BD foi, por diversas vezes,

BD da Amadora

Escola de Teatro e Cinema

convidado, a representar Portugal no Festival de Lucca (em Itália), um dos mais antigos e importante festival de banda desenhada do mundo.

Nos anos 90, em França, foi aplaudido pela obra "História de Portugal em BD", que chegou a ser traduzida para francês. Resultado de um trabalho conjunto com o professor Carmo Reis, foram publicados quatro volumes da "História de Portugal em BD". O Ministério da Cultura Francês escolheu a obra para premiar estudantes vencedores de um concurso no âmbito da Expo 98.

Numa simbiose perfeita entre a imagem e a música, a exposição "Desenhar a Música", exposta na ESTC, é constituída por 21 pranchas desenhadas a tinta-da-china e coloridas. Através dela são retratados instrumentos musicais do século XV e excertos da história de Portugal.

Uma mais-valia para a comunidade académica que vê nesta obra uma fonte inspiradora para a sua formação e criatividade.

Satisfeito, Nelson Dona, da organização do FIBDA, faz questão de dizer que há muito que se pretendia que o maior evento cultural da Amadora passasse pela Escola Superior de Teatro e Cinema. "Para além de pólo educacional, a escola também cumpre o papel de dinamizador cultural na cidade".

Já o vereador da cultura da Câmara Municipal da Amadora, António Moreira, espera dar continuidade a esta parceria com a escola no próximo ano, que tem o aliciante acrescido de ser o da celebração do 20º aniversário do festival de Banda Desenhada.

Ao completar 19 anos de existência, o Festival Internacional de Banda Desenhada tem sido um cartão-de-visita para a cidade da Amadora que, nesta edição, recebeu mais de 28 mil visitantes. O presidente da ESTC, Filipe Oliveira, considera que esta é também uma oportunidade para a escola de se dar a conhecer à comunidade.

Com mais de 50 anos de carreira, José Garcês, associa, na exposição "Desenhar a Música", a banda desenhada à vertente histórica e pedagógica, "uma forma de trabalho, nesta área, não muito usual, mesmo a nível internacional", diz Nelson Dona.

Originais de desenhos de trombetas, órgãos, clavicórdios, alaúdes; cenas de dança, músicos a tocarem instrumentos do século XV, e excertos da história de Portugal, puderam ser apreciados pelo público nesta exposição.

Património do Centro Nacional de Banda Desenhada e Imagem, na Amadora, a mostra que, em 2005, esteve exposta, pela primeira vez, neste centro, já percorreu vários palcos de Norte a Sul do país, inclusive esteve nas ilhas.

"Desenhar a música" resultou da recriação da mostra "A Música no século XV" realizada nos anos 80, também da autoria de José Garcês que, em resposta ao desafio proposto pelo então director do Museu do Mosteiro da Batalha, Sérgio Guimarães de Andrade, procurou representar fielmente os instrumentos musicais do século XV esculpidos na cantaria dos pórticos da Batalha. O argumento deste projecto, inspirado num episódio verídico da história de Portugal, baseia-se na visita de uma embaixada flamenga a Portugal, chefiada pelo Duque de Borgonha em 1428, no ano em que se construía o Mosteiro da Batalha. Na preparação da "Música no século XV", o artista recorreu ao conselheiro musical, José Pedro Caiado, que, faz questão de frisar, foi uma "ajuda preciosa". Recorde-se que José Pedro Caiado integra um grupo especializado em repertório de música de Idade Média, La Batalla, dirigido por Pedro Caldeira Cabral, apesar de estar em comissão de serviço, o músico pertence ao corpo docente da ESTC.

De um longo trabalho de pesquisa resultaram 30 pranchas desenhadas a tinta-da-china. Apesar de bastante aplaudida, a exposição, por ter sido exibida em local aberto, Claustro Joanino do Mosteiro da Batalha, apresentou cópias a sépia do trabalho.

Os desenhos originais ficaram guardados na gaveta até 2005. Altura em o Centro Nacional de Banda Desenhada e Imagem, sediado na Amadora, em colaboração com o mestre, pegou no projecto. As pranchas desenhadas a tinta-da-china foram coloridas pelo próprio artista. O trabalho sobre a música em contexto histórico no século XV foi então transformado numa actividade pedagógica e de divulgação da música e da BD junto do público infanto-juvenil. É assim que nasce a exposição "Desenhar a Música".

Os jovens aderiram em massa à mostra "Desenhar a Música" de José Garcês

O artista com o vereador da cultura da Câmara da Amadora, António Moreira

O presidente do conselho directivo da ESTC, o secretário da escola e o artista

Uma vida dedicada à BD

JOSÉ GARCÊS diplomou-se em Artes Gráficas pela Escola de Artes Decorativas, em 1946, iniciando nesse mesmo ano a sua carreira no jornal "O Mosquito", onde se manteve durante uma década. Desde então nunca mais parou. Ao longo da sua carreira tem conseguido pôr a BD ao serviço do público em geral. Colaborou em mais de uma dezena de publicações portuguesas destinadas a crianças e adolescentes. Desenhou para várias editoras escolares (Edições Asa, Bertrand, Verbo, Didáctica, entre muitas outras) em livros de várias disciplinas: história, geografia, ciências, português e matemática. José Garcês foi ilustrador e autor de banda desenhada no jornal "O Século" e na revista feminina "Modas e Bordados". Em 1963 a RTP convidou-o a colaborar com ilustrações para o programa "Portugal, história e aventura".

Residente na Amadora, o artista tem participado na cidade em actividades ligadas à banda desenhada, sobretudo nos últimos 15 anos, desde a criação do Festival Internacional de Banda Desenhada. É na Amadora, no arquivo de originais do CNBDI – Centro Nacional de Banda Desenhada e Imagem – que se encontra grande parte da sua obra. A ligação à cidade e o reconhecimento do seu trabalho mereceram-lhe o

seu nome ser atribuído a uma avenida da cidade.

Deu cursos de iniciação à banda desenhada a professores e alunos em Portugal e nas ilhas.

José Garcês desenhou uma colecção de selos para os CTT, e foi autor de ilustração animal para o Museu de História Natural da Faculdade de Ciências. Por inúmeras vezes as suas qualidades artísticas foram reconhecidas destacando-se, especialmente, nos trabalhos de banda desenhada histórica, ilustração animal e construções de armar. Em 1999 o artista foi homenageado com a Medalha de Ouro Municipal e recebeu o Troféu de Honra do Festival Internacional de Banda Desenhada da Amadora.

Estudantes abrilhantam a festa

NÃO foi combinado, mas o trabalho musical desenvolvido ao longo do ano de 2008 pelo grupo Taratin ya-la-lan – constituído por alunos da Escola Superior de Teatro e Cinema – encaixou na perfeição, na inauguração da exposição "Desenhar a Música".

Aderindo entusiasticamente ao evento, o grupo estudantil apresentou um pequeno recital com repertório medieval, do século XIII ao século XVI, utilizando dois instrumentos representados na banda desenhada: viola de arco e alaúde. E um grupo de alunos do 2º ano de teatro, da professora Maria Repas, interpretou canções da época.

Guerra das Estrelas na Amadora

CNBDI

VINTE e oito mil visitantes estiveram no Festival Internacional de Banda Desenhada da Amadora que teve como tema central "Tecnologia e Ficção Científica". De Norte a Sul do país, alunos, do ensino básico ao universitário, puderam apreciar o que de melhor se faz em banda desenhada a nível nacional e internacional.

Ao completar 19 anos de existência o espaço Fórum Luís de Camões, na Brandoa, que tem quatro mil metros quadrados de área, foi transformado no Astroporto que acolheu uma nave cósmica.

Exposições, sessões de autógrafos com autores nacionais e estrangeiros, debates, workshops e actividades para os mais novos fizeram parte da programação do maior festival de BD do país. Para além de divulgar a BD como ela é, este evento oferece livros a preços de feira, levando esta arte ao público em geral, criando novos apreciadores e leitores.

Á semelhança dos anos anteriores, para além do núcleo central da exposição existiam núcleos expositivos espalhados pela cidade.

O festival encerrou em grande com a mini convenção Star Wars. Vindos de vários pontos da Europa chegaram mascarados de personagens alusivas à Guerra das Estrelas.

O sonho antigo de Nelson Dona

Nelson Dona, director do Festival Internacional de Banda Desenhada da Amadora, é um homem feliz e realizado. No dia da inauguração da exposição "Desenhar a Música", do artista José Garcês, em declarações à *Politecnia*, faz questão de dizer que está a concretizar um sonho antigo ao levar o maior evento cultural da Amadora para a Escola Superior de Teatro e Cinema do Instituto Politécnico de Lisboa. "Para além de pólo educacional, a escola também cumpre o papel de dinamizador cultural na cidade".

Oportunidades Específicas de Negócio

ISEL abre portas à incubação virtual

O Instituto Politécnico de Lisboa encara as redes de conhecimento e as parcerias empresariais como prolongamentos inteligentes do sucesso educativo. À luz dessa estratégia, o ISEL abriu as suas instalações à incubação virtual, garantido o apoio ao desenvolvimento do conhecimento, e associando-se à lógica do empreendorismo preconizado pela OPEN – Oportunidades Específicas de Negócio, liderada por um antigo aluno da escola de engenharia.

Textos de Clara Santos Silva • Fotos de Pedro Pina

Nas instalações da Open, na Marinha Grande, as grandes ideias inovadoras têm um espaço próprio à sua disposição

O ANO de 2008 foi o motor do empreendorismo nas escolas do Instituto Politécnico de Lisboa, que vê na inovação, nas ideias empreendedoras, sinais claros de um futuro que se deseja promissor. A ideia está na moda e cada vez mais enraizada no meio académico e no tecido empresarial.

A OPEN, Centro de Incubação de Oportunidades de Negócio, tem sido fundamental para o desenvolvimento de ideias inovadoras e na ponte entre a indústria e o ensino. Uma das quatro empresas incubadas, a DailyWork, desenvolve o seu trabalho nas instalações do Instituto Superior de Engenharia de Lisboa, apesar da sua sede física se situar na Marinha Grande. Ricardo Prata, ex-aluno do ISEL e investigador, acabou por nunca deixar a escola que o formou, associando-se ao professor António Serrador e formando uma empresa na área dos Sistemas Inteligentes de Transportes. Nesta rede em que entram o ISEL, a OPEN e a DailyWork subsiste o conceito de incubação virtual. O incubado desenvolve o trabalho no campo da investigação e desenvolvimento tecnológico em laboratórios do ISEL, em resposta ao mercado para o qual está direccionado, e por sua vez a incubadora presta apoio em termos de gestão e serviços administrativos.

A Marinha Grande é a sede da Incubadora OPEN, local estratégi-

No princípio eram os moldes…

A INCUBADORA de empresas OPEN nasceu da actividade desenvolvida pelo Centro Tecnológico da Indústria de Moldes (Centinfe), que acabaria por lhe servir de âncora. Com uma total implantação no mercado da Indústria, o Centinfe promove o desenvolvimento de candidaturas a projectos de apoio ao desenvolvimento, possuindo também um conjunto de áreas administrativas de suporte.

Também aqui, a lógica é a de as empresas obterem, num mesmo local, tudo aquilo que precisam para funcionar.

A Centinfe é constituída por grupos estruturados de acordo com as necessidades. Pode dizer-se que se trata de um centro de suporte da indústria de moldes, ferramentas especiais e plásticos. A sua missão passa por recorrer aos seus especialistas para dar suporte a qualquer área de funcionamento, espelhando a sempre presente polivalência.

O Centro é constituído por diversas áreas, imprescindíveis para o total funcionamento de uma empresa. A área de informática dá apoio às Tecnologias de Informação, e a equipa da qualidade garante a certificação de 90% dos produtos desenvolvidos pela indústria de moldes e elabora manuais de qualidade. A área de projectos, por seu lado, assegura tudo o que diz respeito ao investimento, às candidaturas e marketing, organizando todo o processo que posteriormente será submetido a candidatura.

As instalações da Centinfe, a par do que foi concebido na OPEN, estão preparadas para servir de posto de trabalho das suas associadas. Possui salas de videoconferência amplas: uma área de palco, já utilizadas para espectáculos de bailado e música moderna; e uma área administrativa, sempre importante para o trabalho diário.

Uma das grandes apostas do Centro é criar redes de conhecimento extensas. A estrutura assegura que todos os apoios solicitados pelos associados têm resposta, por parte dos especialistas da Centinfe ou de terceiros, a quem se recorrerá se necessários. A grande mais-valia no Centro passa por saber ser uma instituição de suporte, desde o mais pequeno até às áreas de topo da organização das empresas.

co, dado estar inserido no Parque Industrial do concelho, conhecido pela sua tradição na Indústria. O objectivo principal da OPEN é ser um centro de inovação, acolhendo projectos e ideias que possam constituir empresas. A sua grande particularidade e mais-valia está nos espaços que não são só para serviços mas, também, para indústrias. Uma das empresas incubadas é precisamente na área industrial.

O projecto nasceu com o edifício, que foi estudado ao pormenor, possuindo uma flexibilidade total. Divide-se por áreas, em função das necessidades dos seus incubados. Possui no seu rés-do-chão uma área de recepção e de serviços, onde poderão desenvolver-se as entrevistas aos candidatos a incubados. Nos pisos subsequentes podem encontrar-se salas de reunião apetrechadas com meios audiovisuais de última geração, mesas e computadores. As salas de videoconferência possuem quatro ecrãs que permitem, no caso de projectos internacionais comunicar em simultâneo com quatro cantos do Mundo.

As zonas de serviços são aquelas que acolhem as sedes físicas das empresas e podem também ser zonas de trabalho. A parte industrial integra uma fábrica, um pavilhão industrial e uma área administrativa adjacente.

Estando inserida numa zona industrial e tendo por base ideias geradoras de produtos inovadores, a OPEN possui também uma área de exposição, que pode funcionar como mostra dos produtos. Na área industrial, podem encontrar-se vários portões, em que cada um corresponde a um módulo, mas as empresas podem ter um ou dois, deixando em aberto essa possibilidade à medida das suas necessidades.

Cada uma das empresas que contrate a área industrial tem também acesso a módulos onde se concentram arquivos mortos e garagens.

O objectivo é que na OPEN as empresas tenham acesso a tudo.

Joaquim Menezes, o Presidente do Conselho de Administração da OPEN, acredita que será um sucesso no futuro, mas reconhece que a lógica do empreendorismo precisa de maturação. Ressalva que para as jovens empresas "já não é o começar na garagem, mas sim com condições mais estruturadas que permitem avançar de uma forma mais consistente."

Ao percorrermos o edifício da OPEN, a impressão que retemos é a de estar perante condições logísticas minimalistas. Muitas são as iniciativas organizadas pela OPEN que pretendem dar ânimo à indústria. O «fim-de-tarde dos empreendedores» é uma das iniciativas que permitem reunir profissionais que dão o seu testemunho, formando quase que uma tertúlia. Os «Jantares Vínicos» têm feito também muito sucesso pois permitem juntar profissionais da produção de vinho sempre com um cunho de cultura. É convidado um orador que serve de âncora ao jantar, durante o qual é feita uma prestação de gastronomia. A ideia é precisamente reunir no mesmo local, profissionais de várias áreas, sendo que o custo do jantar fica a cargo dos participantes, sendo a acção de promoção desenvolvida pela OPEN.

Este tipo de iniciativas permite estabelecer uma rede de contactos importante para a globalização que se vive actualmente.

A zona onde está implantada a OPEN e a Centinfe – Centro Tecnológico da Indústria de Moldes, da qual Joaquim Menezes também é Presidente, foi já considerada no Plano Territorial, um Pólo Tecnológico. Ao lado será construído o Centro de Formação da Indústria de Vidros. Será também inaugurado o Centro Empresarial, onde estará integrada a Escola Profissional da Marinha Grande.

PUBLICIDADE

A (re)descoberta da indústria

PARA ALÉM da sua actividade, o Centro Tecnológico da Indústria de Moldes demonstra forte preocupação com o facto de a indústria ter caído no esquecimento dos jovens, deixando de ser uma das suas opções de formação. Tendo a Marinha Grande uma forte tradição na indústria, a pouca procura na área poderia conduzir a uma crise sem precedentes na região.

Numa altura em que os cursos tecno-profissionais estavam quase a desaparecer, a forma encontrada para contrariar a realidade foi dar luz a um novo projecto. O objectivo foi (continua a ser), cativar os jovens a partir do 7.º ano de escolaridade, mostrando-lhes que a indústria é uma actividade com futuro.

A iniciativa «Pense Indústria Conhecimento» começou em 1995-96, tendo a coordenação nacional ficado a cargo da Associação dos Centros Tecnológicos de Portugal. O Centinfe, um dos cinco centros com instalações físicas, acolhe nas suas instalações perto de 300 alunos anualmente. Cada projecto funciona pelo período de um ano, durante o qual os alunos passam, de duas em duas semanas, duas horas no centro.

São treze as escolas na região da Marinha Grande a participar na iniciativa. Essas escolas assumem uma estrutura didáctica e pedagógica muito sedimentada quanto às opções que os alunos terão que tomar no futuro. O importante, segundo Joaquim Menezes, fervoroso apoiante da ideia, é mostrar que «a Indústria é muito diferente do que foi». Por isso, o primeiro passo é mostrar o filme "Tempos Modernos", de Charlie Chaplin, onde se caricatura a indústria no inicio do Século XX. O choque entre a tecnologia de então e a modernidade permite aos alunos perceber o que é hoje a industria e como funciona.

O ambiente onde se desenvolve o projecto é uma sala concebida para o efeito, com postos de trabalho reais, correspondendo cada um a uma área industrial horizontal. A intenção é mostrar o que futuramente encontrarão nas empresas industriais, estabelecendo a ponte entre a teoria e a prática.

Zona industrial do Centro Tecnológico da Indústria de Moldes, Ferramentas e Plásticos

A componente pedagógica assenta numa forte ligação do projecto ao entretenimento, uma vez que se trata de alunos dos 7.ºs, 8.ºs e 9.ºs anos. Ao mesmo tempo que jogam, aprendem. O estímulo ao trabalho de equipa é uma constante. Criam-se grupos de trabalho que se constituem como empresas, nas quais os participantes podem ser técnicos, trabalhando nas diversas áreas, ou até administradores. Funciona tudo um pouco na lógica dos jogos de empresas, que têm de ser geridas na relação causa-efeito.

Num ambiente muito particular podem ser encontrados postos de trabalho correspondentes a inúmeras vertentes da indústria, desde a logística, a energia solar, robótica, mecânica, hidráulica e pneumática entre outras. Todos os exercícios do projecto «Pense indústria» se iniciam com a programação em computador e só depois com a maquinação.

Uma das sessões do projecto passa por criar ideias de produtos. A estratégia ganhou já uma tal popularidade que levou mesmo à criação de um prémio anual atribuído ao melhor produto. Em 2007 o galardão foi entregue ao criador de um cabide extensível, que pode ser adaptado a crianças, adultos e a várias circunstâncias. Apesar de muito simples, houve a necessidade de recorrer a cálculos para chegar ao protótipo final.

Alguns pais já informaram os profissionais da Centinfe de que os filhos revelam boas alterações de comportamento e responsabilidade. O Centinfe disponibiliza ainda uma série de livros, adequados às idades dos alunos, que retratam o processo de criação de objectos que lhes são familiares, como por exemplo as pranchas de surf. E em cada livro há um dicionário sobre a área. Por último, os especialistas de recursos humanos e formação profissional seguem o percurso dos participantes, avaliando o impacto do projecto nas suas opções de formação.

Ser empreendedor não é ser empresário

EMPREENDORISMO é a palavra do momento, mas na opinião de um grande conhecedor da matéria, Joaquim Menezes, o seu conceito é por vezes banalizado, ao ser apontado como a única saída para o futuro. Objectivamente, para ele, «empreender é inovar».

Ser empreendedor não significa ser empresário. Aos profissionais de hoje pede-se que, no local de trabalho tenham a capacidade de reinventar coisas, encontrar soluções novas para problemas antigos. Criatividade, persistência e vontade de vencer dificuldades não são características exclusivas do empresariado. Joaquim Menezes diz que o jovem empreendedor tem que ser, sobretudo, persistente, relativamente pragmático em relação aos seus objectivos e ter a noção clara de que um projecto empresarial tem que servir o mercado.

Ainda de acordo com a sua filosofia, ser empreendedor começa sempre na escola, na forma como se ensina e como se aprende. Sendo certo que à escola compete ter mais a responsabilidade do que às empresas. “A escola tem que se ajustar ao mercado que serve, estando atenta às necessidades da própria indústria”, observa.

No Instituto Superior de Engenharia de Lisboa, ao qual se mantém ligado, diz existirem grupos de trabalho com uma vontade genuína para encetar mudanças, havendo outros, que se mantêm a fazer aquilo que a escola tem como função, o que também não é de criticar. Um pouco na lógica das empresas, as escolas superiores também têm que se reinventar, apesar de estarem sujeitas a constrangimentos que muito têm a ver com financiamento. O seu papel como empreendedor tem sido bem sucedido, mesmo no que diz respeito ao trabalho que tem vindo a desenvolver no apoio a novas gerações de empreendedores. O Centinfe é um dos casos de sucesso com o seu cunho, que funciona como interface entre a indústria, as empresas e a parte académica.

A OPEN é um projecto paralelo, mas que complementa aquilo que é feito no Centinfe, dando a oportunidade a empresas e seus projectos de começarem a surgir, como forma de viram a ser consolidados. É uma estrutura que está aberta não só às áreas que têm a ver com os moldes, mas de uma forma horizontal para reforçar a estrutura económica, local, regional e nacional.

O engenheiro Joaquim Menezes, presidente da Open e ex-aluno do ISEL

Dentro da estrutura da OPEN, surge a incubação virtual, na qual encontramos a Dailywork, já bem conhecida do IPL, que funciona na lógica da incubação virtual, e à qual é dado suporte sob o ponto de vista da gestão e administrativo. Não esconde a satisfação ao reconhecer a abertura do ISEL à criação de um espaço de incubação na escola, permitindo ter um espaço de incubação à distância, para desenvolver conhecimento. Sempre no âmbito do empreendorismo, depois da incubação virtual, segue-se o mecanismo Business Angels, que não é mais do que uma estrutura de suporte ao lançamento de novas ideias e novas empresas. Mais ágil do que as sociedades de capital de risco, através delas, pode ser investido um montante de cem euros, baseando-se numa lógica de quase sociedade mais do que na estrutura mais formal e institucional. A diferença é que o empreendedor não necessita de estabelecer diálogo com a banca.

Recomendação dos Eurocódigos estruturais

A acção sísmica no dimensionamento de uma cortina de parede moldada

As estruturas de contenção, normalmente sub-divididas em estruturas autoportantes (muros de gabiões, muros de betão armado funcionando como consolas verticais ou dotados de contrafortes, etc.) e estruturas ancoradas (paredes moldadas, paredes do tipo "Berlim Definitivo", cortinas de estacas-pranchas, etc.), devem ser dimensionadas para as acções sísmicas.

Texto de J. Matos e Silva

EMBORA se possa pensar que a ocorrência dum sismo em simultâneo com a conclusão duma escavação geral a jusante duma cortina de parede moldada ancorada, possa ser pouco provável, a realidade mostra que, sempre que ocorre um sismo numa zona urbana nalguns locais desta existirão, certamente, escavações executadas ao abrigo de paredes moldadas que ainda aguardam a execução dos pisos enterrados para que a obra de contenção periférica se conclua.

Assim, faz todo o sentido admitir que se deve introduzir a acção sísmica no dimensionamento duma cortina de parede moldada como nos restantes tipos de estruturas de contenção.

Na presente comunicação é referida a forma de considerar a acção sísmica de acordo com as recomendações dos Eurocódigos estruturais, nomeadamente os EC7 e EC8.

Para solos coesivos é importante saber como pode variar o valor da coesão quando ocorre um sismo. De acordo com resultados experimentais [Makdisi & Seed, 1978], a coesão diminui quando ocorre um sismo, considerando-se, habitualmente, que o valor da coesão sob as acções dinâmicas é da ordem de 80% do valor sob acções estáticas, o que é justificado por se presumir que as ligações de coesão entre as partículas de argilas e siltes possuem uma certa elasticidade possibilitando ligeiros deslocamentos oscilatórios repetidos dessas partículas, umas em relação às outras, sem que haja rotura das ligações [Tschebotarioff, 1978]. Esta prática está reflectida no parágrafo 3.1 do Eurocódigo 8, onde se recomenda, quando se considera a acção sísmica, a adopção de coeficientes de minoração para a coesão de 1,3 para cu e de 1,2 para c o que equivale a considerar cerca de 80% do seu valor sob as acções estáticas.

Para além da acção dinâmica do solo sobre a estrutura de

Critérios dos Eurocódigos

De acordo com o Eurocódigo 8 - Parte 5 (pr EN 1998-5) as acções dinâmicas actuando sobre estruturas de contenção de terras devem ser quantificadas de acordo com o método de Mononobe-Okabe, o qual conduz a boas aproximações com a realidade.

Do parágrafo 7.3.2.2. do referido Eurocódigo, o coeficiente sísmico horizontal será:

$$k_h = a_{gr} \cdot \gamma i \cdot \frac{S}{g \cdot r} \qquad (1)$$

em que, para cortinas ancoradas, dada a sua relativa flexibilidade, se considera r = 1.0 e, para estruturas de contenção rígidas, se adopta r = 2,0.

Os restantes parâmetros da equação (1) são fornecidos pela norma portuguesa ENV 1988-1-1 e, para a acção sísmica do tipo 1 em zona sísmica A, por exemplo, tem-se:

$$a_{gr} = 2{,}7 \qquad \gamma i = 1{,}0 \qquad S = 1{,}0 \qquad g = 10{,}0 m/s^2$$

donde, para contenções rígidas, $k_h = 0{,}135$ e, para contenções flexíveis, $k_h = 0{,}27$.

Por sua vez tem-se, considerando, de acordo com a alínea 7) do parágrafo 7.3.2.2 do EC8, um valor nulo para o coeficiente sísmico vertical, ou seja $k_v = 0$:

- para contenções rígidas:

$$\theta = \text{ang tg } k_h = \text{ang tg } 0{,}135 = 8^o \qquad (2)$$

- para contenções flexíveis:

$$\theta = \text{ang tg } k_h = \text{ang tg } 0{,}27 = 15^o \qquad (3)$$

Para um terrapleno horizontal no tardoz da cortina vem $\beta = 0$ donde se conclui que:

$$\beta < \Phi - \theta \qquad (4)$$

em que Φ é o ângulo de atrito interno do solo no tardoz da cortina.

Assim, de acordo com o método de Mononobe-Okabe o coeficiente de impulso activo estático + dinâmico do solo será:

$$K_{ae+di} = \frac{sen^2(\psi + \phi - \theta)}{\cos\theta \, sen^2\psi \, sen(\psi - \theta - \delta)\left[1 + \sqrt{\frac{sen(\phi + \delta) \, sen(\phi - \beta - \theta)}{sen(\psi - \theta - \delta) \, sen(\psi + \beta)}}\right]^2} \qquad (5)$$

contenção é necessário considerar a acção sísmica sobre a massa dessa estrutura, que é dada por:

$q' = kh \times P$ (7) em que:

kh - coeficiente sísmico horizontal quantificado a partir da equação (1)

P - Peso próprio da estrutura de contenção /m2

Para os muros de suporte autoportantes de betão armado é recomendável incluir, também, na quantificação de P , o peso da massa de solo que se apoia sobre a sapata do muro [Ravara, 1969].

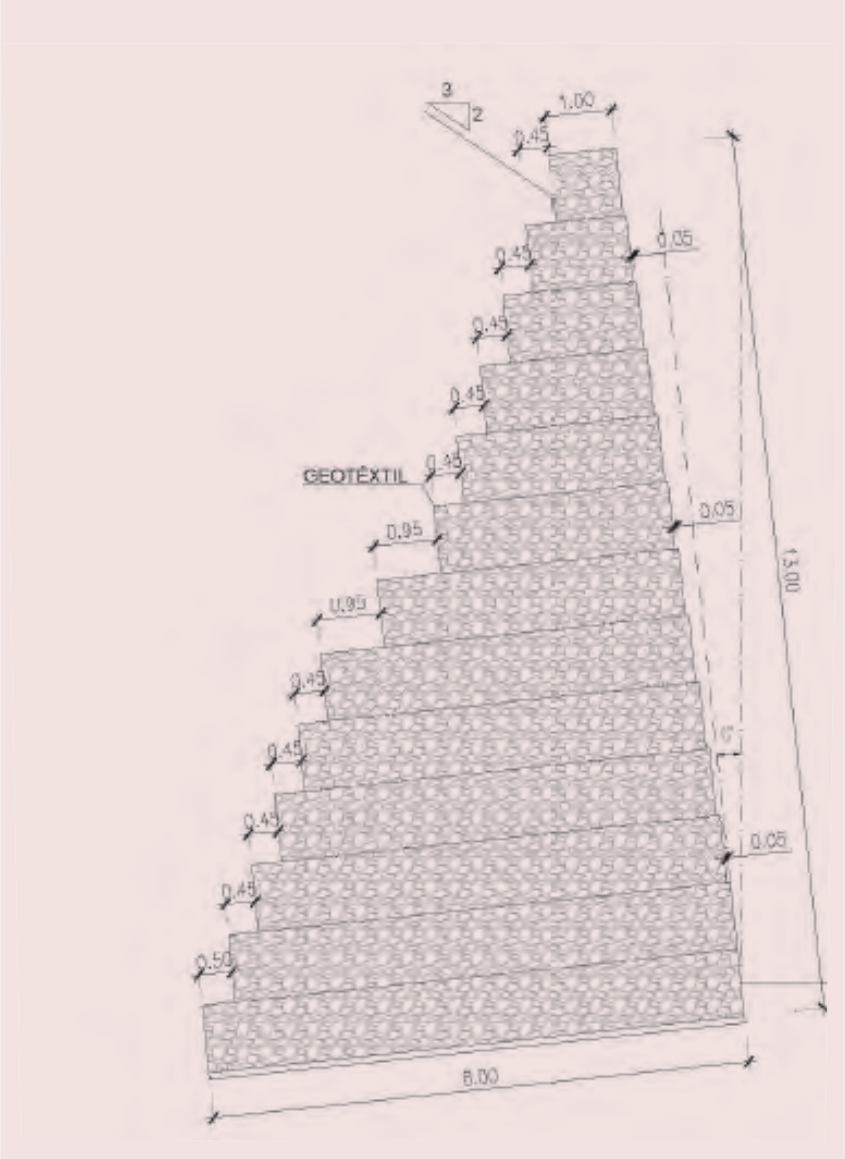
É importante notar que o ponto de aplicação das acções estáticas + dinâmicas do solo , no caso das estruturas de contenção rígidas, deve situar-se a meia altura dessas estruturas. Contudo, para cortinas flexíveis com possibilidade de rotação na sua base, o que acontece frequentemente nas cortinas de paredes moldadas (a menos que tenham uma ficha de comprimento excessivo), o EC8, no seu parágrafo 7.3.2.3, alínea 5), recomenda que se utilize o mesmo ponto de aplicação da resultante das acções estáticas. No que se refere à acção sísmica sobre a massa da estrutura de contenção e sobre a massa de solo que se apoia sobre a sua sapata (no caso das contenções rígidas) estas terão resultantes que se encontram localizadas a meia altura da estrutura de contenção.

Conclusões:

Dum modo geral pode concluir-se que, quer em estruturas de contenção rígidas quer em flexíveis, quanto maior fôr a sua altura, mais a acção sísmica se torna condicionante no seu dimensionamento.

Por exemplo, ao caso de obra a que se refere a publicação [Matos e Silva, 2004], foi aplicado o método indicado em [Matos e Silva, 2000], e constatou-se que a "ficha" da cortina, que tinha uma altura adequada para resistir às acções estáticas, era insuficiente para as acções estáticas + dinâmicas, pelo que, para atender a estas acções, a "ficha"teria de ser prolongada.

Os valores de esfoços e deslocamentos, obtidos para o cálculo para as acções estáticas + dinâmicas, revelaram, nesse exemplo, um incremento nalguns casos superior a 60% em relação aos valores obtidos no cálculo estático. Embora a probabilidade de ocorrência dum sismo, durante a fase de escavação geral ao abrigo duma cortina ancorada, seja pequena, dado o curto período de tempo em que essa escavação decorre, é imperativo que factores exógenos não prolonguem demasiadamente esse período de modo a que a probabilidade de ocorrência dum sismo aumente.



É, por exemplo, o caso duma situação de embargo duma escavação decretada por um Tribunal ou por uma Polícia Municipal, que pode fazer com que essa escavação, executada ao abrigo duma parede moldada, fique parada por tempo indeterminado.

Referências Bibliográficas.

Makdisi, F. & Seed, H., Simplified Procedure of Estimating Dam and Embankment Earthquake-Induced Deformations, Journal of the Geotechnical Engineering Division, Julho de 1978.

Tschebotarioff, G.P., Fundações, Estruturas de Arrimo e Obras de Terra, Editora McGraw-Hill do Brasil, Ltda., 1978.

Ravara, A., Engenharia Sísmica de Pontes, Revista Portuguesa de Engenharia de Estruturas, nº 12, Outubro de 1981, Lisboa.

Matos e Silva, J., Um Exemplo Significativo de Utilização de Paredes Moldadas Ancoradas - O Euro Stadium, 9º Congresso Nacional de Geotecnia, Abril de 2004, Aveiro.

Matos e Silva, J., Método Simplificado de Dimensionamento de Paredes Moldadas Ancoradas, Revista Portuguesa de Engenharia de Estruturas, nº 47, Março de 2000, Lisboa.

A jovem que dançou na 1ª emissão da RTP

Wanda Ribeiro da Silva

Bailarina, docente e pedagoga

Confrontada com a questão de saber qual a função que mais gostou de desempenhar, ao longo de uma espectacular carreira que ainda não terminou, Wanda Ribeiro da Silva sente-se dividida. A apetência pelas performances em palco, iniciadas com "Les Sylphides" e a música de Chopin, mistura-se com o interesse pela pedagogia, a paixão pela docência, o prazer da descoberta e na inovação. É o melhor retrato que se pode fazer desta pioneira do ensino da dança em Portugal.

Textos de Paulo Silveiro

WANDA Ribeiro da Silva integrou as direcções da Escola de Dança do Conservatório Nacional e da Escola Superior de Dança do IPL; participou nos grupos de trabalho das reformas do Ensino Artístico de Veiga Simão e Fraústo da Silva; e foi uma das impulsionadoras do movimento da Educação pela Arte em Portugal. Estreou-se nos palcos aos 7 anos e fez a sua última dança aos 40, mas continuou sempre a ensinar e a participar em projectos internacionais de cariz artístico. A bailarina revê-se na frase dita por George Balanchine, em sua opinião o maior coreógrafo do séc. XX, para quem os bailarinos são uma aristocracia, no sentido da procura da excelência para cada um. Dizem os amigos que Wanda Ribeiro da Silva, a bailarina que dançou na 1ª emissão da RTP, é mais reconhecida no estrangeiro que no seu próprio país.

Wanda Ribeiro da Silva é uma lisboeta oriunda de uma família burguesa já com vários membros amantes das artes. Como era costume em 1938, ano em que nasceu, nas famílias abastadas, os pais João Ribeiro da Silva, que era o proprietário da casa de brinquedos Bénard, no Chiado; e Jenny Ribeiro da Silva, puseram-na a estudar nas melhores escolas particulares que existiam na época, o Queen Elizabeth e mais tarde no Colégio Feminino Francês. Curiosamente, fez o contrário com os seus próprios filhos aos pô-los a estudar no ensino público. Apesar de nascer numa família burguesa, Wanda Ribeiro conviveu sempre com ideais de esquerda, como prova disso a ca-

Pedro Pina

No Teatro São Luiz, aos sete anos, interpretando o bailado "A Borla de Pó de Arroz"

sa de férias da família, na Costa da Caparica, foi palco para a primeira reunião dos capitães de Abril. O pai era uma pessoa interventiva na sociedade, amante das artes e sempre preocupado com as actividades de carácter social. As férias eram passadas na Costa da Caparica, teve uma infância feliz, aprendeu canto e música tendo sido aluna do Lopes Graça.

O gosto pela dança chegou cedo a Wanda Ribeiro. A mãe, que dançava como amadora, pôs as suas duas filhas nas aulas de dança. A irmã Vera, seis anos mais nova, a quem deu aulas, foi bailarina e chegou mesmo a directora de dança do Conservatório de Macau. Naquele tempo todas as meninas queriam ser bailarinas, mas só as oriundas de famílias abastadas tinham aulas e poucas conseguiam seguir uma carreira. A sua primeira professora, aos quatro anos, foi uma senhora espanhola, Madame Britton, que tinha dançado na companhia de Anna Pavlova um dos mitos da dança clássica. Com sete anos teve a sua primeira apresentação pública no Teatro S. Luiz, onde dançou o bailado “A Borla de Pó de Arroz”.

O facto de ter estudado com professores estrangeiros permitiu-lhe, ao contrário do que acontecia com a maioria da juventude da época, ter uma visão mais global do mundo. Os pais, sempre a apoiaram nas suas decisões, mesmo quando aos 16 anos foi para Inglaterra para o antecessor do Royal Ballet School, o Sadler´s Wells Ballet, estudar ballet. Esta oportunidade surgiu quando aos 14 anos efectuou a sua primeira audição no S. Carlos perante o olhar atento da “Dame “ do Império Britânico, a famosa Ninette de Valois, fundadora e directora do Sadler´s Wells Ballet. Saiu-se bem e foi aceite

Com o marido, em 1960, frente à Royal Ballet School, em Londres

Uma reforma atarefada

PARA a bailarina, a vida vale pela sua diversidade por isso a sua vida é muito preenchida. Para além das conferências e dos júris internacionais, continua a dar aulas na UITI-Universidade Internacional para a Terceira Idade, ou como prefere dizer a universidade para jovens com mais de sessenta anos, onde tem como alunos muitos professores universitários que aproveitam a reforma para alargar os seus conhecimentos frequentando aulas de dança criativa. Acompanha agora com muito mais assiduidade os espectáculos da Gulbenkian e do Centro Cultural de Belém.

As suas amizades são internacionais, viaja frequentemente para Paris, Madrid, Nova Yorque e outras cidades onde acontecem eventos artísticos.

Gosta muito de teatro, até porque realizou várias coreografias para teatro para o João Mota, Luís Miguel Cintra, Lúcia Maria Martins, Glicínia Quartin e Mário Barradas. Frequenta os teatros da Comuna da Cornucópia e da Barraca. No cinema gosta de cinema português e do cinema de autor francês e italiano, chegou a ir a Paris com o marido de propósito para ver filmes. Wanda Ribeiro sempre viajou muito, em trabalho, mas foi só a partir dos sessenta anos que começou a ser uma turista. Para ela o que há de belo em viajar é a capacidade de olhar coisas diferentes e de perceber o que existe de comum nessas diferenças. Tem uma característica especial quando viaja, não tira fotografias, prefere desenhar o que vê.

Com os netos Inês, João Carlos, Simão, Leonor e Manuel

Não é religiosa, mas imagina um Olimpo cheio de divindades. Não gosta de cozinhar mas gosta de comer, adora as cozinhas exóticas.

Hoje gosta de desempenhar o papel de avó, tem cinco netos, dois rapazes e três raparigas, gosta de os levar ao estrangeiro quando completam o quarto ano de escolaridade. O mais novo, o Simão com cinco anos é um excelente bailarino. Gosta muito de ler, os seus autores preferidos são o Lobo Antunes o Sándor Márai, e todos os livros do Daniel Sampaio.

naquele colégio. O pai deixou-a ir para Inglaterra com a condição de ela tirar igualmente o curso de professora de ballet. Foi esta teimosia do pai, em tirar um curso que lhe permitisse exercer a docência, que mais tarde lhe possibilitou ocupar os cargos de direcção das escolas por onde passou.

A passagem de Lisboa para Londres foi muito violenta. Apesar de estar a concretizar o sonho da sua vida, a exigência era muito maior, dançava das nove da manhã até às sete da noite e ainda havia a parte académica. Apesar das saudades que sentiu da família, e do esforço contínuo, Wanda Ribeiro, sente orgulho em ter frequentado a melhor escola do mundo e o que aí aprendeu foi-lhe útil para o resto da vida. Mas só o ballet não chegava para o seu espírito inquieto, Wanda Ribeiro queria explorar todas as facetas da dança. Foi assim que em 1950 foi para Paris onde frequentou vários estúdios e conviveu com

A bailarina, em primeiro plano, numa aula de ballet na Fundação Gulbenkian, em 1970

Os mestres, a família e o legado

HÁ um conjunto de nomes que Wanda Ribeiro da Silva considera terem sido fundamentais na sua formação como bailarina e pessoa. Ninette de Valois pela oportunidade de ir estudar para a melhor escola da dança do mundo da época, Barbara Fuster directora do Royal Ballet School pela colaboração em diversos projectos comuns, Arquimedes da Silva Santos um dos mentores da Educação pela Arte e Madalena Perdigão por todo o apoio que lhe deu a ela na divulgação artística em Portugal. Wanda Ribeiro da Silva considera ainda que estes dois últimos foram responsáveis pela sua formação artística num âmbito mais alargado.

Ao rever todo o trabalho feito a professora e bailarina, sente orgulho quando vê os seus alunos a brilharem nos palcos onde actuam, ou quando os reconhece nas direcções das escolas de dança. No fundo sente que o seu legado vai ser perpetuado por esta nova geração e espera que eles até a superem.

Num júri de provas de selecção, com (da esquerda para a direita) Caldeira Cabral, Arquimedes da Silva Santos, Patrick Aurde e o seu filho, João Andrade

Mas Wanda Ribeiro sente que sem o apoio da família não teria chegado tão longe. O marido, Carlos Andrade com quem casou em 1959, apesar de terem uma vida em comum curta mas feliz, sempre a apoiou nas suas decisões. Também os filhos suportaram e compreenderam as várias ausências da mãe. A herança artística passou-a aos filhos, João Andrade é professor na Escola de Dança do Conservatório e coordenador do Teatro Camões e a Joana Andrade é arquitecta.

os grandes mestres da época como a russas Igorova e a Preobagenska e o estúdio Waker. Como sempre procurou diversificar os seus conhecimentos artísticos, assim inscreveu-se na Sorbonne onde aprendeu desenho à vista. Regressou a Portugal, no fim da década de cinquenta, já como bailarina e docente, e rapidamente se tornou pioneira na criação e aplicação de novos conceitos na área da dança. Foi nesta época que, em 1957, participou na primeira emissão da RTP, onde dançou "Os Enganos do Amor" com a realização de Artur Ramos, que foi o primeiro realizador da estação estatal. Foi igualmente neste altura que a sua ligação à Fundação Gulbenkian se intensificou, já era bolseira daquela instituição. Foi convidada por Maria Madalena de Azeredo Perdigão, na altura a directora do serviço de música daquela instituição, para apresentar um projecto de criação de uma escola e de uma companhia de dança. Com esse objectivo foi constituída uma associação, o Centro Português de Bailado, do qual nasceu o grupo experimental de ballet, onde Wanda Ribeiro dançou e que mais tarde veio dar origem ao Ballet Gulbenkian. Mas os projectos de Madalena de Azeredo Perdigão para as artes eram grandiosos e Wanda Ribeiro da Silva aproveitou o apoio para integrar o grupo

Num espectáculo em Lisboa, nos Anos 60, com Isabel Ruth, Santa Rosa e Carlos Trincheira

de personalidades da época que lançou o movimento da educação pela arte, foi assim que conheceu João Mota e Arquimedes da Silva. Através da Gulbenkian, foi a Salzburg na Áustria, frequentar cursos com pedagogias inovadoras de dança e música, que posteriormente viriam a ser aplicados em Portugal. Mas o desejo de aprender de Wanda Ribeiro não se esgotava aqui, em 1970, com uma bolsa de estudo do Fulbright, foi para Nova Iorque completar a sua formação na Julliart School. Apesar de se considerar uma bailarina lírica, nunca recusou experimentar as técnicas contemporâneas. Foi isso que fez nos Estados Unidos.

O seu pioneirismo levou-a, em 1971, a ser a responsável pela implementação do curso de Dança no Conservatório Nacional, tendo chegado a directora daquela Instituição. Participou nas Reformas do Ensino Artístico, a primeira com Veiga Simão, e a segunda em que se discutia a formação das escolas superiores, com o Prof. Fraústo da Silva. Foi desta segunda, que surgiu a Escola Superior de Dança, que veio igualmente a dirigir, e donde saiu em 2006, por se ter reformado. Participou também, após o 25 de Abril de 1974, nas reuniões promovidas pelo Ministério da Educação, sempre com o apoio da Gulbenkian, destinadas a implementar uns programas direccionados ao ensino primário, denominados Música Movimento e Drama. Actualmente, Wanda Ribeiro sente mágoa por a maioria destas iniciativas ter sido retirada das escolas. Por outro lado considera existirem mais oportunidades para os jovens dançarem. Hoje existem vários grupos por todo o país, mas existe menor apoio estatal para as grandes companhias. Uma consequência deste aspecto foi o desaparecimento da companhia de bailado da Gulbenkian, onde dançou e ensinou, e que lhe provocou grande tristeza.

Wanda Ribeiro considera que actualmente já existe em Portugal um ensino de qualidade. Os alunos já não necessitam de ir estudar exclusivamente para o estrangeiro, como acontecia no seu tempo, mas o bailarino é um ser internacional e quanto mais experiência adquirir melhor. Como acontece nas outras artes e nas ciências, também na dança a globalização chegou, e isso é um valor acrescentado importantíssimo.

A presença

e o prestígio internacional que todos respeitam

AINDA hoje possui um porte elegante e uma grande capacidade de dialogar, características que lhe foram úteis muitas vezes, quando teve de convencer ministros da educação e presidentes de escolas a aprovarem os seus projectos. Ministros como Veiga Simão, Fraústo da Silva, Augusto Seabra ou Lloyd Braga, foram sempre uns ouvintes atentos que responderam às suas solicitações. Com todos conseguiu uma boa relação, baseada no respeito e na cooperação institucional.

O seu gosto pela descoberta levou-a a estar sempre atenta às novas tendências da dança e a explorar outras vertentes artísticas. Por outro lado sempre gostou de dançar, relembra ainda a emoção do seu primeiro bailado, com 20 anos, no Teatro Garcia de Resende em Évora onde dançou "Les Sylphides". Quando aos quarenta anos já tinha deixado de dançar em Portugal, realizou a sua última tournée pela Itália e pela Holanda, com o grupo de música contemporânea de Jorge Peixinho.

Cidadã do mundo, como ela própria se sente, Wanda Ribeiro da Silva tem participado em várias organizações internacionais artísticas. Assim, fez parte das direcções da InSEA- International Society for Education through Art, da ELIA - European League of Institutes of the Arts, entre 1990 e 2002, e da WDA - World Dance Alliance. Mas foi fundamental com a ELIA que mais trabalhou, tendo organizado vários congressos, um deles em Portugal com o apoio da Fundação Gulbenkian, em 1996.

Foi homenageada, em 2007, pela Fontys University da Holanda onde organizou vários festivais de dança. Também o Reino de Marrocos, pelo rei Hassan II, a condecorou pelo seu trabalho como consultora da Universidade de Rabat. Possui ainda uma medalha de mérito artístico pelo Conselho Brasileiro da Dança da UNESCO. Mesmo reformada, continua activa participando em vários júris de festivais internacionais de dança.

Ana Pereira Caldas: discípula, cúmplice e amiga

ANA Pereira Caldas foi directora da Companhia Nacional de Bailado entre 2001 e 2007 e uma das pessoas que mais acompanhou o percurso de Wanda Ribeiro da Silva nas instituições por onde passou. Despertou para a dança em Santarém, onde residia, no Circulo Cultural Scalabitano. Aí, em 1956 conheceu uma jovem professora acabada de chegar a Portugal, vinda da melhor escola de dança do mundo, o actual Royal Ballet School, que rapidamente lhe transmitiu o bichinho da dança. Wanda Ribeiro era uma professora muito exigente sob o ponto de vista técnico, transmitindo aos seus alunos um rigor e um grande sentido de profissionalismo.

A relação entre a aluna e a professora rapidamente se transformou numa amizade que se mantém até hoje. Juntas trilharam um percurso comum, Ana Pereira Caldas foi sua assistente nos cursos da Fundação Gulbenkian, e vice-presidente da Escola de Dança do Conservatório Nacional quando foi dirigida pela professora Wanda. Só quando ela saiu para a Escola Superior de Dança é que cada uma seguiu o seu caminho. A amizade manteve-se mas, acima de tudo, sempre houve um respeito mútuo pelos projectos que cada uma ia desenvolvendo. Este tipo de relação é difícil de manter nos meios profissionais, devido à forte competição que existe e que por vezes leva as pessoas a afastarem-se.

Ana Pereira Caldas, sua grande amiga e colega de profissão

Durante os catorze anos em que Wanda Ribeiro ocupou a direcção da Escola Superior de Dança do IPL e Ana Pereira Caldas foi directora da Escola de Dança do Conservatório Nacional estabeleceram-se entre as duas instituições programas muito sérios que formaram os bailarinos que hoje são os melhores profissionais do ramo.

Ana Pereira Caldas confirma que a professora Wanda Ribeira é uma pessoa com gostos muito diversificados, apesar da sua matriz ter sido a dança clássica ela manteve sempre uma abertura que a levou a ser precursora de muitos aspectos na própria dança. Assim a ela se devem os cursos de dança criativa e o movimento da educação pela arte e todo um conjunto de novas pedagogias que marcaram uma época de ouro no panorama cultural português. Para Ana Pereira Caldas, Portugal não tem memória e infelizmente as pessoas que iniciam as coisas são rapidamente esquecidas e os projectos são arrumados na gaveta. Por tudo o que fez pelas artes e mais particularmente no campo da dança, segundo Ana Pereira Caldas, entende que acompanhada por uma boa equipa, a professora Wanda Ribeiro seria uma boa opção para ministra da Cultura.

Wanda, com Ana Pereira Caldas e irmã, nos Anos 60

Rumo à Sociedade do Conhecimento

ISCAL afina estratégias na internacionalização

O Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa tem dado passos firmes na investigação, formação e práticas de internacionalização, em benefício da consolidação duma Sociedade do Conhecimento na óptica do "saber-fazer" e do "saber-saber". A temática da internacionalização está ali a ser estudada, investigada e praticada em várias dimensões e perspectivas.

Texto de Maria Amélia Nunes de Almeida

ACTUALMENTE, a internacionalização faz parte dos planos estratégicos de desenvolvimento das instituições académicas. Avoca um carácter de missão, na medida em que integra a definição da política geral das instituições de ensino superior, assumindo uma identidade verdadeiramente institucional com planificação e controlo das actividades. A ter, também, em consideração que a internacionalização numa diversidade de nível e qualidade, será um dos indicadores, a nível formal e informal, de avaliação da qualidade institucional.

No Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa a temática da internacionalização constitui uma vertente, particularmente, enfatizada sendo ventilada, estudada, investigada e praticada em várias dimensões e perspectivas que se inserem no âmbito das políticas, estratégias e objectivos definidos pelo Instituto. Salienta-se que as actividades e iniciativas que a Instituição tem levado a cabo, neste âmbito, traduzem o interesse e o esforço da comunidade docente e discente em programas e acções que, seguidamente se descriminam, nos campos ou dimensões do ensino e formação, investigação, mobilidade académica, cooperação internacional e realização de eventos em que a internacionalização assume papel fulcral. Todas estas intervenções constituem passos para o avanço e consolidação da Sociedade do Conhecimento.

Dimensão do "Ensino e Formação" – Nos planos de estudos das licenciaturas e mestrados ministrados no Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa, quer nas áreas cientificas das ciências empresariais, quer de outras áreas, o tema da internacionalização é desenvolvido como um todo ou abordado em capítulos específicos. De sublinhar que a entrada em funcionamento de um Mestrado em Contabilidade Internacional dá visibilidade a este estratégia e tem como objectivo fulcral o desenvolvimento científico e profissional em contabilidade, permitindo uma actualização eficaz em normalização contabilística a quem exerce ou pretende exercer a sua actividade profissional em qualquer organização a nível internacional. O quadro seguinte ventila as respectivas disciplinas ou unidades curriculares que desenvolvem a internacionalização:

UNIDADES CURRICULARES ONDE A INTERNACIONALIZAÇÃO É ABORDADA

UNIDADES CURRICULARES/CURSOS	OBJECTIVOS
Direito Fiscal Internacional	Estuda-se a problemática da concorrência fiscal internacional e as medidas tomadas a nível da OCDE e União Europeia visando harmonizar e disciplinar. Analisa-se a problemática dos tratados internacionais no sentido de prevenir a dupla tributação entre Estados.
Direito Comunitário, Direito Europeu da Concorrência, Direito Financeiro, Direito das Empresas e direito das Empresas do Trabalho/ Licenciatura	Conjunto de Unidades Curriculares que contemplam a ordem jurídica comunitária abordando as imposições comunitárias nos vários domínios leccionados. Efeitos jurídicos da globalização, liberalização dos capitais, serviços, mercadorias e trabalhadores da Europa e do Mundo. Implicações do fenómeno da deslocalização no Direito.
Economia Internacional /Licenciatura	Analisam-se as questões do comércio internacional e as problemáticas associadas ao fenómeno da globalização. Desenvolve-se o ambiente em que operam as empresas transnacionais, termos e documentação utilizados nos negócios no âmbito intra e extra comunitário. Explicita-se, também, o papel das instituições financeiras internacionais.
Economia Portuguesa e Europeia/ Licenciatura	Ministra-se o ensino da evolução da economia portuguesa e impacto do euro na nossa economia. Aprofundam-se conhecimentos da caracterização estrutural das economias europeias e políticas comuns
Estratégias de Internacionalização das Empresas/Mestrado	Estuda-se a internacionalização dos negócios (razões, teorias s/ o comércio internacional, fases e formas de internacionalização); Novas formas de concorrência e regras do jogo; estandardização versus customização; Redes (networks); clusters sectoriais e regionais; estrutura divisional internacional; Estruturas organizacionais e fases de crescimento das empresas; Organização internacional, multinacional, global e transnacional; homogeneização das necessidades dos mercados; clientes globais; encurtamento dos ciclos de vida dos produtos; marcas e publicidade transferíveis; Internacionalização dos canais de distribuição; Diversificação internacional e inovação; Marcas globais; Economias de escala; Entrada nos mercados internacional; Modelo de formação das estratégias de internacionalização. Novos modelos de negócio: Os incentivos ao investimento e as Pequenas e Médias Empresas; o know-how das companhias internacionais e os acordos de franchising e licencing, joint-ventures; Fusões, aquisições e alianças estratégicas; co-opetition; Estratégias cooperativas internacionais
Finanças Internacionais/ Licenciatura	Estuda-se a extensão da gestão financeira aos mercados internacionais, abordando: Mercados de câmbios à vista e a termo e instrumentos de cobertura de risco cambial; Internacionalização de empresas, risco país, internacionalização financeira e operacional; Instrumentos de crédito nos euromercados monetários e de capitais; Liquidação e financiamento de operações de comércio Internacional, mediante operações simples e documentarias, trade finance e countertrade; Financiamentos externos.
Gestão Fiscal/Licenciatura	Comparam-se os vários sistemas fiscais nos diferentes países da OCDE e EU

UNIDADES CURRICULARES ONDE A INTERNACIONALIZAÇÃO É ABORDADA

UNIDADES CURRICULARES/CURSOS	OBJECTIVOS
Gestão das Organizações e Introdução às Organizações e à Gestão/Licenciatura	Abordam-se, em capítulos específicos, as novas condições ambientais e a globalização (factores geradores e consequências), bem como, a competitividade nos mercados globais. Estuda-se a Economia Digital (redes e negócios) e as empresas globais. Estudam-se as concentrações, franchising, licencing e joint ventures.
Gestão Estratégica/Licenciatura	Recordam-se as razões da internacionalização e apresentam-se casos da internacionalização, nomeadamente, "Os desafios da internacionalização das empresas de construção
Mestrado em Contabilidade Internacional	Trata-se dum Mestrado de cariz internacional, como se pode inferir da designação do curso. O conjunto das Unidades Curriculares que compõem o plano de estudos (Normas Internacionais e Relato Financeiro, Relato contabilístico Internacional, Contabilidade Internacional de Instrumentos Financeiros, Contabilidade Internacional de Recursos Humanos, Gestão e Planeamento Fiscal Internacional, Direito Societário Internacional, História Teoria e Doutrinas Contabilísticas, etc.) aprofundam os conhecimentos contabilísticos na vertente internacional comparando-se os principais sistemas contabilísticos e de relato financeiro (português, espanhol, IASB e FASB)
Mercados e Produtos Financeiros I e II/ Licenciatura	Aborda-se a internacionalização e a globalização dos mercados pretendendo-se que os alunos compreendam o funcionamento dos mercados internacionais. São tratados os temas relacionados com o mercado cambial e os produtos derivados, c/ relevância para futuros, opções e swaps e ainda fundos de investimento internacionais, inter alia.
Normas Internacionais de Contabilidade e Relato Financeiro/Mestrado	Unidade Curricular comum aos três Mestrados de Contabilidade e Gestão em que estudam as Normas Internacionais do IASB- International Accounting Standards Board compatibilizando-as com as do FASB- Financial Accounting Standards Board desenvolvendo a sua aplicação nas organizações e no Relato Financeiro (Prestação de Contas).
Projecto de Simulação Aplicado à Gestão/ Licenciatura	Programa leccionado em inglês aplicando matérias dadas em outras UC, tais como a Eestratégia e Gestão de Recursos Humanos, Financeira, Aprovisionamentos, etc. desenvolvidos em ambiente de simulação da realidade empresarial. A UC proporciona uma visão e aplicação prática de formas de negociar e gerir em mercados internos e internacionais. Esta Unidade Curricular é escolhida pelos alunos do programa Erasmus
Projecto em Simulação Empresarial I e II/ Licenciatura	O PSE I e II dão uma visão prática da futura actividade profissional dos licenciados em Contabilidade. Os projectos integram uma vertente internacional porque os temas são abordados em duas perspectivas, os normativos nacionais (actual POC e futuro SNC) e o normativo internacional do IASB-International Accounting Standards Board. A internacionalização é dirigida a estudos comparativos entre os normativos referidos e o normativo Espanhol "Plan General de Contabilidad", assim como o normativo Americano do FASB-Financial Accounting Standards Board.
Riscos Empresariais e Controlo Interno	Estudam-se sistemas de controlo e formas de evitar riscos empresariais sentidos internamente e importados pela globalização através da compreensão da génese, identificação e avaliação dos mesmos; Estudo da Lei Sarbanes-Oxley e do seu impacto no sistema de controlo interno das empresas; Conhecimento dos principais modelos de controlo interno, com destaque para os modelos COSO, COSO-ERM, Turnbull e COBIT.

Dimensão da "Investigação" – O número de participantes com apresentação de comunicações/artigos em Congressos e Seminários internacionais é significativo, não somente em quantidade mas, também, em qualidade dos temas apresentados.

Em 2007 foram apresentadas 21 comunicações; e em 2008 mais de 30, publicadas em brochuras pelos Editores dos Congressos. Foram igualmente publicados diversos os artigos em Revistas Científicas Internacionais:

Dimensão da "Mobilidade Académica" – O Gabinete de Relações Internacionais do ISCAL arroga uma imersão na internacionalização, designadamente, por constituir uma estrutura de coordenação, acompanhamento e apoio operacional ao desenvolvimento de iniciativas de internacionalização do ensino no âmbito da cooperação e mobilidade académica. A mobilidade académica constitui um dos pilares da política de internacionalização do Instituto e, como tal, o ISCAL participa no Programa Erasmus através de um contrato institucional que permite enviar e receber estudantes. Recorda-se que os contratos institucionais são acordos celebrados entre a Comissão Europeia e cada Instituição de Ensino Superior, sobre o apoio concedido pela Comunidade para ajudar a desenvolver e executar as suas actividades de cooperação europeia. A participação do ISCAL teve início há alguns anos e tem vindo a desenvolver-se, progressivamente, desde essa data. Tem-se verificado uma tendência crescente na participação dos estudantes envolvidos no intercâmbio, sobretudo dos estudantes estrangeiros que procuram a nossa Instituição. Para além das relações de cooperação com estabelecimentos de ensino superior dos Estados-Membros da União Europeia, prossegue-se uma política activa na obtenção de novas parcerias com universidades de Estados elegíveis da Europa Central e Oriental, como é o caso da Hungria, Polónia, República Checa e Eslovénia. Directamente envolvido em todas as questões relacionadas com o planeamento, organização, gestão e desenvolvimento da mobilidade, quer de estudantes, quer de professores, o Gabinete de Relações Internacionais em proximidade com o Conselho Directivo tem como atribuições principais o estabelecimento de relações formais (com o IPL, com a Comissão Europeia, com a Agência Nacional para o Programa Sócrates & Leonardo Da Vinci e com outros organismos pertencentes a vários Ministérios). A cooperação constante com outras instituições parceiras visa a criação de condições óptimas que permitam o sucesso da participação no programa e no estabelecimento das necessárias pontes entre as diferentes áreas científicas do ISCAL.

MOBILIDADE NOS ÚLTIMOS 3 ANOS

Professores incoming	Alunos incoming	Professores outgoing	Alunos outgoing
Lituânia – 3 República Checa – 3 Chipre – 1	Lituânia – 11 República Checa – 3 Polónia – 4	Lituânia – 4 República Checa – 2 Chipre – 2	Lituânia – 11 República Checa – 10 Espanha – 1

Em 2008 o ISCAL tem as seguintes parcerias com Universidades e outras Instituições de Ensino Superior: Technical University of Liberec (República Checa); Cyprus College (Nicosia – Chipre), Universidad de Extremadura – Pólo de Badajoz (Espanha), University of Gdansk (Polónia), Lucian Blage University of Sybiu (Roménia), Vilnius College of Higher Education (Vilnius – Lituânia), Vilnius University (Vilnius – Lituânia), Vocational College in Slovenj Gradec (Eslovénia).

Dimensão da "Cooperação Internacional" – Constata-se, através dos resultados alcançados, que a cooperação internacional pode ser vista como um instrumento para a melhoria do ensino, da qualidade institucional e académica e, igualmente, como base para o aumento da competitividade institucional. O Instituto tem-se concentrado em terras africanas. À luz do Protocolo assinado pelo IPL com a Comissão Nacional para Instalação da Universidade de Cabo Verde, em 5 de Janeiro de 2006, professores do ISCAL leccionam e apoiam docentes, no ISCEE-Instituto Superior de Ciências Económicas e Empresariais, em Cabo Verde (Mindelo

e Praia, respectivamente nas ilhas de S. Vicente e Santiago). Em 2007 realizaram-se seminários em Cabo Verde denominados "Normas Internacionais de Contabilidade. Relato Financeiro" e "Análise Financeira. Projectos de Investimento no âmbito das Finanças", tendo sido, igualmente, apreciados trabalhos de fim de curso e Seminários no âmbito da Contabilidade de Gestão. Em 2008 tiveram lugar seminários e arguências da mesma índole.

A cooperação alargou-se, no ano findo, à Universidade de Cabo Verde na preparação de Cursos (Licenciaturas e Mestrados) para as áreas de Contabilidade, Gestão, Fiscalidade e Administração Pública com a intervenção directa dos Presidentes dos Conselhos Directivo e Científico que, trabalharam, localmente, num projecto comum com Universidades brasileiras.

No que respeita a Moçambique as acções inserem-se no âmbito do Protocolo entre o ISCTM-Instituto Superior de Ciências e Tecnologia de Moçambique e o IPL que foi assinado em 26.11.1998. Continuando o programa de 2005/06 leccionaram em Moçambique, durante os meses de Julho, Agosto e primeiros dias de Setembro, três professores do ISCAL. Neste país, quer em 2007, quer em 2008, foi assegurado por 3 professores do ISCAL a leccionação da disciplina de PSE-Projecto de Simulação Empresarial.

Dimensão da "Realização de eventos em que a internacionalização assume papel fulcral" – O ISCAL escolheu, neste ano lectivo de 2008/09, o tema da internacionalização para a Sessão Solene de Abertura do ano académico que decorreu no passado dia 3 de Novembro. A Lição Inaugural ficou a cargo do Dr. Luís Filipe Pereira, ex-aluno do ICL, hoje ISCAL, e actual Presidente da Comissão Executiva da EFACEC que proferiu uma conferência intitulada "Internacionalização das empresas. O caso EFCEC". A abordagem começou por uma exposição teórica em que foi desenvolvida a globalização e internacionalização, as razões e as formas de internacionalização, bem como, a postura das empresas portuguesas perante a internacionalização. Seguiu-se o "case study" com o projecto de internacionalização da EFACEC sublinhando-se o contexto da partida, a estratégia o plano quantificado, as áreas e unidades de negócio, as unidades de mercado culminando com uma brilhante análise da gestão dos Recursos Humanos valorizando-se a cultura e a comunicação empresarial. É justo referir que a abordagem do tema teve grande relevância porque o conferencista conseguiu, na sua alocução, interligar a teoria com a prática das organizações, constituindo a segunda parte da exposição um interessante estudo de caso, muito apreciado pelos professores, alunos e convidados.

Destacam-se, entre outros eventos recentes, a organização de Congressos de notória dimensão como foi o caso do 30º Congresso da EAA-European Accounting Association (organização constituída em 1977, com sede em Bruxelas, que tem como objectivo acções de ensino e pesquisa, bem como, assegurar o desenvolvimento e promoção das áreas da Contabilidade e matérias conexas). O evento realizou-se pela primeira vez, em Portugal em Abril de 2007, figurando, no Comité da Organização, 3 professores do ISCAL e tendo como chairman um professor coordenador do Instituto. Contou com a participação de 1500 docentes e investigadores de países europeus e de outros continentes.

Em Setembro de 2007, o ISCAL organizou o Congresso Internacional da Associação Europeia de Línguas para Fins Específicos, que teve lugar nas suas instalações.

Pode-se concluir que o Instituto tem dado passos firmes na investigação, formação e práticas de internacionalização que todos desejamos em benefício da consolidação duma Sociedade do Conhecimento na óptica do "saber fazer" e do "saber saber". Este tema, recorde-se, foi privilegiado como tese de doutoramento da autora que apresentou indicadores macroeconómicos comparando Portugal com outros países em matéria da Gestão do Conhecimento e investigou, a nível nacional, a situação e os avanços nesta área. A análise é desenvolvida num modelo de "tríplice hélice" interligando as organizações governamentais, universidades e empresas tendo o trabalho sido publicado pelas Edições IPL em parceria com a Colibri.

A publicidade enquanto dispositivo de ruptura e de acomodação social

"O Corpo na Publicidade", o mais recente livro de Jorge Veríssimo, docente da Escola Superior de Comunicação Social, integrado na colecção editada pelo Instituto Politécnico de Lisboa, foi apresentado pelo Professor José Rebelo. O docente do ISCTE, explicitando as teses do autor, falou da publicidade como dispositivo de ruptura e como dispositivo de acomodação social.

Texto de José Rebelo • Fotos de Pedro Pina

QUE PRAZER o meu de apresentar este livro de Jorge Veríssimo. Duplo prazer aliás. Por um lado, o prazer de reler um texto solto, fluente, que nos interpela, nos mobiliza, nos adverte e nos incita à reflexão. Por outro lado, o prazer de sublinhar, uma vez mais, a inteligência, a argúcia, o saber panóptico do respectivo autor.

Circunstâncias académicas fizeram com que tivesse acompanhado de muito perto o percurso de Jorge Veríssimo. Um percurso feito de homogeneidade e coerência. De entusiasmo e dedicação.

Foi uma opção deliberada a de Jorge Veríssimo: a de recusar a dicotomia, algo aniqueísta, entre os disfóricos que vêem na publicidade uma perversidade dos tempos modernos e os eufóricos que nela encontram traços do discurso mais inovador e mais insurgente.

Nem disforia, nem euforia. Ao recusar essa dicotomia, Jorge Veríssimo assume, relativamente à publicidade, uma postura global e analítica que o leva a recorrer aos mais diversos campos do saber – à sociologia, claro, mas, também, à semiótica, à psicologia social, à antropologia, à filosofia – para contextualizar um fenómeno que, queiramo-lo ou não, condiciona o nosso quotidiano.

Uma postura pausada, portanto. Uma postura que, recusando o lugar comum, formula hipóteses. Confirmadas ou infirmadas pela argumentação cientificamente apoiada. Confirmadas ou infirmadas pela experimentação sistematicamente planeada.

É que, à preocupação, de não enclausurar saberes, Jorge Veríssimo acrescenta uma outra preocupação, não menos apreciável: a de ter sempre presente o lado concreto das coisas.

O professor José Rebelo apresentou a obra de Jorge Veríssimo

Para Jorge Veríssimo, a publicidade pode assumir-se como dispositivo de ruptura ou como dispositivo de acomodação social.

A publicidade enquanto dispositivo de ruptura foi o objecto do seu estudo no Mestrado em Comu-

O presidente do IPL, Vicente Ferreira, ladeado pelo autor e pelo professor José Rebelo, do ISCTE

nicação, Cultura e Tecnologias da Informação que cursou no ISCTE. A Dissertação que defendeu, em Dezembro de 1999, intitulava-se "A publicidade da Benetton: um discurso de ruptura". Tratava-se, então, de desconstruir um modelo de publicidade que, ostensivamente, arrogantemente, visa provocar efeitos de choque. Visa confrontar-nos com aquele real que bem gostaríamos de evitar. É a miséria. É a doença. É a morte. Mas é, também, a ousadia. O desafio. É a agonia do doente com SIDA. Mas é, igualmente, o lirismo de um beijo proibido.

A publicidade enquanto dispositivo de acomodação social foi a vertente que Jorge Veríssimo escolheu para a investigação de Doutoramento em Sociologia, também levada a cabo no ISCTE. Desta vez a Dissertação, apresentada em Abril de 2005, versou sobre a "representação do corpo no discurso da publicidade".

E é a partir desse texto que surge o livro agora editado pelo Instituto Politécnico de Lisboa, em parceria com as Edições Colibri. Percorrendo 177 imagens publicitárias de diferentes campanhas da Calvin Klein, Jorge Veríssimo exemplifica, explora, aprofunda com uma clareza notável as estratégias inscritas no célebre quadrado de Greimas: a sedução, a tentação, a provocação e a ameaça.

Mostra-nos o corpo, os corpos, os fragmentos de corpo, os fragmentos de corpos. Mostra-nos o corpo, os corpos vestidos, embrulhados, envolvidos. Mostra-nos, igualmente, o corpo, os corpos, nus. Ou Desnudados.

Corpos musculados – os masculinos. Corpos adelgaçados, esguios, esquivos – os femininos.

São os corpos, é o corpo que, naquele narcisismo que nos transporta para o reino do imaginário, gostaríamos de ter.

Não o temos, é certo. Resta-nos, então, a consolação de o ver. Mas ao ver esse corpo produz-se em nós como que um acto de encantamento.

Um acto de encantamento porquê? Porque na sua representação icónica, o corpo torna-se abstracto. E ao tornar-se abstracto passa a ser apropriável. Apropriamo-nos, então, desse corpo representado. E esse corpo representado passa a ser nosso. Mas passa a ser nosso apenas por procuração.

Nas suas notas finais, Jorge Veríssimo considera que uma publicidade como a da Calvin Klein pode acentuar as desigualdades sociais já que são diferentes os meios ao alcance de cada um para se adequar ao paradigma proposto. Eis-nos perante uma problemática que mereceria, talvez, alguma ponderação. É que as desigualdades, observáveis no plano material, esbatem-se quando se passa para o plano do simbólico. Digamos que o sonho igualiza.

Considera, ainda, Jorge Veríssimo, que a publicidade Calvin Klein é pródiga na representação da mulher dominada. Da mulher-objecto. Seria interessante verificar se tal tendência para separar, para hierarquizar os géneros se mantém ainda, e nos mesmos termos.

Enfim, pela transdisciplinaridade que cultiva, pelo rigor do corpus que reúne, pelas adequadas metodologias que aplica, pela bibliografia que cita, este livro, "O Corpo na Publicidade", é uma obra de referência que contribuirá, e muito, para o desenvolvimento da investigação no domínio da publicidade. Pelas dúvidas que faz surgir, pelas controvérsias que se pode suscitar, este livro está igualmente vocacionado para o grande público.

Parabéns ao editor. E parabéns ao autor, o meu colega e amigo Jorge Veríssimo.

Papéis velhos e chocolates

O investigador António Sampaio da Nóvoa, reitor da Universidade de Lisboa, aplaude a iniciativa do IPL de dar à estampa a inventariação do valioso espólio bibliográfico e arquivístico da Escola Superior de Educação de Lisboa, realizada pelo professor Moreirinhas Pinheiro. É o n.º 15 da colecção Caminhos do Conhecimento.

Texto de António Sampaio da Nóvoa

JULGO QUE terá sido no Verão de 1981. Talvez um ano antes, talvez um ano depois. No silêncio das férias percorri os cantos da Escola do Magistério Primário de Lisboa na companhia do Professor J.E. Moreirinhas Pinheiro. Andávamos aos papéis velhos. Sabíamos da importância do espólio da Biblioteca-Museu do Ensino Primário, instalada no 1.º andar da Ala Nascente do edifício. E desconfiávamos de algo mais.

Em poucos dias, aqui e ali, num vão esconso, numa ou noutra arrecadação, fomos juntando papelada vária, daquela que tem como característica principal não interessar a quase ninguém. E, no entanto, estava ali uma parte significativa da memória da escola portuguesa: desde os primeiros ensaios do ensino mútuo, logo no princípio do século XIX, até à institucionalização da formação de professores, a partir de 1862; desde as políticas de "normalização"

Arquivo *Politecnia*

Moreirinhas Pinheiro

do ensino até às reformas da República e do Estado Novo.

Naquele Verão, mais do que uma amizade, nascia uma cumplicidade que dura até hoje. O Professor J.E. Moreirinhas Pinheiro é um estudioso dedicado e competente. Ano após ano foi publicando inúmeros livros e opúsculos, que constituem um acervo indispensável para a história da educação em Portugal. Aprendi muito com este homem que, aos 85 anos, continua a cumprir uma rotina de trabalho e de escrita.

No seu diário, assinalando o 1.º de Dezembro de 1957, escreveu: "Hoje houve festa rija na nossa Escola, com dramatizações, discursos, recitativos, canções e chocolates. De há muito concluí que o patriotismo entra melhor na alma das crianças com chocolates".

Papéis velhos e chocolates. A sabedoria deste Professor ajudou-me no meu caminho pela história. A mim e a muitos outros investigadores, portugueses e estrangeiros, que dele receberam um gesto amigo, um conselho, uma palavra de incentivo. Fica o nosso reconhecimento e a nossa gratidão.

Modelização matemática

A APLICAÇÃO de um modelo matemático para a aprendizagem escolar é o fio condutor do livro "A Teoria do Caos", da autoria da Professora Maria das Mercês Sousa Ramos, da Escola Superior de Educação de Lisboa. A obra realça a necessidade de estabelecer ligação entre conceitos.

Neste livro da Professora Mercês Sousa Ramos, integrado na colecção Caminhos do Conhecimento, criada pelo Instituto Politécnico de Lisboa, em parceria com as Edições Colibri, propõe-se uma modelização matemática para a aprendizagem escolar, que deverá ser um processo dinâmico. Se ele for não linear, os modelos a usar deverão comportar a interacção entre variáveis. Esses modelos já existem. Constituem a teoria do caos e permitem o estudo dos fenómenos complexos.

Partindo de evidências empíricas, de que a aprendizagem é não linear, apresenta-se um modelo físico-matemático para identificar conceitos e ferramentas a utilizar no estudo da dinâmica da aprendizagem. Recorrendo ao modelo e a conceitos como atractor, atractor estranho e bifurcação interpretam-se resultados empíricos da linha de investigação das concepções alternativas.

A dinâmica simbólica permite calcular a entropia topológica - uma medida da complexidade, mostrando que é possível determiná-la sem conhecer as equações que descrevem a dinâmico do siste-

Variações sobre ensino da música em Portugal, Holanda e Inglaterra

Baseado na tese de doutoramento da Professora Cecília de Almeida Gonçalves, o livro “Polifonias”, que o IPL agora inclui na colecção Caminhos do Conhecimento, é uma importante reflexão sobre o Ensino Superior de Música e a sua avaliação. A investigação, que analisa *case studies* ingleses e holandeses, comparando o que se passa nesses países com o que se passa em Portugal.

AS QUESTÕES da qualidade e da sua avaliação têm adquirido nas últimas décadas relevância crescente no Ensino Superior. O actual contexto sócio-político europeu, dominado pela globalização, determinou a alteração dos modos de regulação dos sistemas de ensino, designadamente no que respeita ao papel do Estado, agora obrigado a partilhar processos de decisão, sem abdicar da sua “voz” dominante, através do instrumento da avaliação.

Centrando-se no domínio específico do Ensino Superior de Música e baseado em estudos de caso de países como Inglaterra, Holanda e Portugal, a obra "Polifonias" da Professora Cecília Gonçalves, da Escola Superior de Música de Lisboa, analisa este emergente sistema de acção social “polifónico”. Trata-se de um sistema de avaliação que, no modelo de análise criado para efeitos desta investigação, foi concebido no cruzamento do sistema político-administrativo com o sistema de produção artística/musical e o sistema de formação.

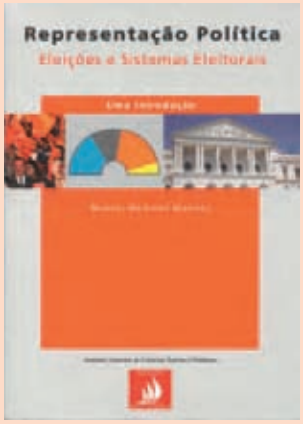
Cecília Gonçalves

Que “vozes” se fazem ouvir nesse sistema de avaliação “polifónico”? Quais os princípios e lógicas que as orientam? Como acolhem as instituições de ensino superior de Música princípios e lógicas construídas a partir de outros “mundos”? Que desenvolvimentos é possível antever na área do ensino superior de Música, no que diz respeito à avaliação? Eis algumas das questões sobre as quais esta obra, enquanto pioneira na matéria, procurou lançar bases de reflexão.

ma. Discute-se a aplicação do modelo, exemplificando para a aprendizagem de conceitos termodinâmicos. A entropia associada a um conhecimento é uma medida interessante da aprendizagem escolar.

A aplicação do modelo mostra a necessidade de considerar sequências de questões, realçando a necessidade de estratégias de ensino onde a tónica está na ligação entre conceitos. E constitui um desafio à investigação teórica. Tentou, por isso, dar a conhecer através desta obra uma lógica introdutória de carácter descritivo para os que se iniciam nas matérias da representação política. As suas preocupações centram-se na simplicidade dos assuntos abordados, mostrando uma visão geral dos mesmos através do esclarecimento de conceitos, disponibilização de ferramentas analíticas e indicação de fontes. A ideia é facilitar a”entrada” dos alunos numa área preponderante da Ciência Política.

Sistemas eleitorais



O AUTOR de Representação Política, Manuel Meirinho Martins, Doutor em Ciência Política pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, é Professor Auxiliar com Agregação na mesma Instituição. E tem uma vasta experiência na área da representação política, sistemas eleitorais e participação política e cidadania. Trata-se de um manual orientado para a auto-aprendizagem e autonomia dos estudantes de carácter mais reflexivo, permitindo-lhes estabelecer um contacto mais directo com a temática das eleições e sistemas eleitorais.

Poder e autonomia na escola pública

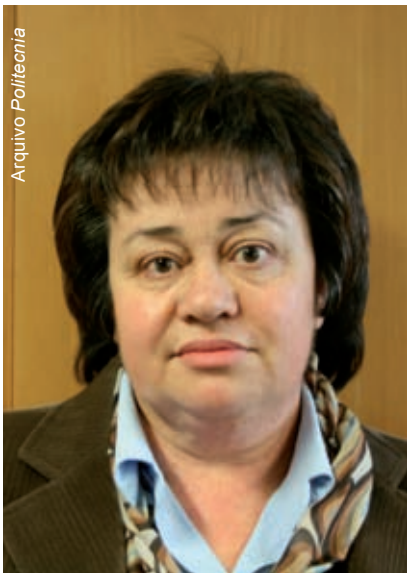
“Participação e Poder na Escola Pública”, da autoria da professora Mariana Dias, da ESELx, é mais um título da colecção Caminhos do Conhecimento. O estudo, que suportou a tese de doutoramento da autora, descreve e analisa as transformações organizacionais, profissionais, sociais, culturais e políticas operadas nas escolas portuguesas do 1.º ciclo do Ensino Básico, no período compreendido entre 1986 e 2004.

A MUDANÇA operada no discurso político, no período em análise, pautou-se pela crítica à centralização educativa e à burocratização administrativa. E inspirou a definição de um novo regime de autonomia, administração e gestão das escolas, de âmbito estratégico, curricular, organizacional, pedagógico, financeiro e cultural. Por outro lado, o novo regime aprofunda a participação dos pais no governo das escolas e preconiza novas funções para administração central (avaliação, regulação e apoio).

A mudança no discurso e a definição do novo regime de gestão, pautado pelos princípios da contratualização da autonomia das escolas, sugerem a existência de uma inflexão nos padrões de regulação. E uma “convergência paradigmática” face às políticas de devolução que, desde meados dos anos 80, têm estado a ser ensaiadas em diversos contextos.

A autora analisa o impacto dessas mudanças nas escolas públicas do 1.ºciclo, tendo como quadro de referência as principais problemáticas que têm acompanhado a reconfiguração do governo da educação. É o caso da emergência de novos modelos de regulação social (mercado, nova gestão pública, estado avaliador); da transformação dos padrões profissionais e organizacionais (cultura de escola, liderança, auto-regulação); e das mudanças nas relações entre a escola e a comunidade (poder dos consumidores, contratualização e privatização de serviços).

A exploração desta problemática é relevante, por várias razões. Desde logo, porque a educação bá-

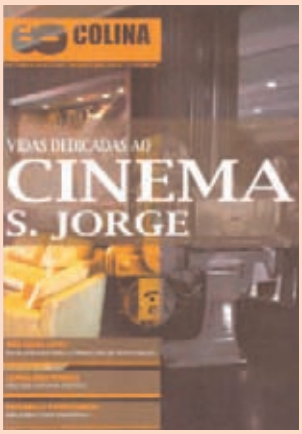


Mariana Dias

Hospitais empresas

A TESE de Mestrado que deu origem ao livro Hospitais Transformados em empresas Análise do Impacto na Eficiência: Estudo Comparativo, de Ana Paula Harfouche, tem como objecto a análise do desempenho, em termos de eficiência, dos hospitais-empresa que saíram do sector público, por comparação com os Hospitais tradicionais. Esta profunda mudança fez com que 31 Hospitais passassem a ter um novo Estatuto Jurídico, o de Sociedades Anónimas. A autora, investigadora do Centro de Administração de Políticas Públicas, do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, é Doutorada em Gestão e Administração Pública. A sua vasta formação mostra a sua polivalência em matérias de Saúde Pública, visto ser pós-graduada em Administração Hospitalar, licenciada em Gestão de Empresas e, a paralelamente, possuir também o curso de Enfermagem. Trata-se, pois, da obra de uma profunda conhecedora do sector da Saúde em Portugal.

Do alto da 8ª Colina



SAIU mais uma edição do jornal “8ª Colina”, da Escola

Uma escola, dois suportes

A ESCS dá mais um passo na disponibilização de canais de comunicação: criou uma newsletter digital, Comunica, e reestruturou a interface da intranet. Ambos os projectos visam ser um ponto de encontro na comunicação dentro e fora da escola.

A criação de uma newsletter digital sempre esteve no horizonte da ESCS. "Foi necessário parar para pensar qual seria a news indicada para a nossa escola como meio de comunicação", explica a professora Maria Duarte Belo, coordenadora do Gabinete de Comunicação. O tema principal desta primeira edição é o empreendorismo, tema para o qual a escola está cada vez mais voltada. Por outro lado, a interface da ESCS foi renovada, possuindo agora uma imagem simples e limpa dentro de uma nova estrutura, que permite inserir notícias. Através da Intranet é agora também possível o acesso directo ao portal do IPL, fundamental para a visualização das notas e outros serviços relacionados com a secretaria.

sica tem sido relativamente esquecida, na análise relativa à mudança dos padrões de regulação da educação. E depois porque o elevado volume de publicações, relativo às novas formas de governação da escola pública, não impede que persistam enormes divergências sobre o impacto das novas políticas educativas no contexto da prática. É o que acontece no campo da redefinição das concepções e práticas profissionais dos professores; e no papel dos gestores escolares, no processo de mudança e ao nível de empowerment dos diferentes actores locais (professores, pais, dirigentes escolares).

Superior de Comunicação Social, fruto do empenho e dedicação de vários alunos e professores. O lançamento desta nova edição contou com a presença de Isabel Simões, directora do Departamento de Jornalismo, que tinha a seu lado o vice-presidente do Conselho Directivo, Jorge Veríssimo; os professores Paulo Moura e Maria José Mata e os alunos Vera Moutinho e João Filipe, envolvidos na produção.

A ideia original era criar um jornal para Lisboa e não apenas para a comunidade da ESCS. O número anterior saiu há já largos meses, explicando-se o atraso sobretudo por dificuldades financeiras. João Filipe diz que durante este período de tempo se procurou contrariar a falta de credibilidade do projecto e ultrapassar as dificuldades criadas pelo facto dos alunos envolvidos mudarem.

O cuidado com a escrita é uma das maiores preocupações dos estudantes, segundo Vera Moutinho, que sublinha a importância de o projecto ser encarado como trabalho profissional. À semelhança do que acontece com outras actividades extra-curriculares desenvolvidas na Escola Superior de Comunicação Social, a participação dos alunos pode ser o início de um caminho que os conduzirá ao mercado de trabalho. "Há pessoas que saem daqui muito bem preparadas para trabalhar numa redacção", afirma João Filipe.

Para que o jornal evolua e tenha mais autonomia e publicações mais frequentes é preciso mobilizar os alunos dos outros cursos da Escola Superior de Comunicação Social. E numa altura em que tudo está a mudar na área dos Media é imprescindível acompanhar essa mudança. O próximo passo é a criação do site do jornal. Segundo Paulo Moura, isso será fundamental para tornar o jornal mais interactivo, mais regular e com mais conteúdos. Com uma tiragem de 18 000 exemplares, o jornal "8ª Colina" volta a ser publicado no próximo mês de Maio.

Pensar globalmente, gerir localmente

NUM período de graves dificuldades que todo o ensino superior público atravessa, haverá que, sem prejuízo das autonomias consignadas na legislação portuguesa, procurar poupar gastos em todas as rubricas em que tal seja admissível.

Na verdade, não sendo fácil qualquer poupança real de gastos no que se refere a massa salarial, então, terá que ser encontrado, nos gastos de gestão geral e corrente, um paradigma diferente, uma "fórmula", que nos permita, com os fundos disponíveis, manter níveis qualitativos e quantitativos de desempenho elevados.

Quando foram criadas as "propinas", recordemo-lo, estas teriam de ser destinadas – assim foi decidido superiormente … – ao "acréscimo da qualidade do sistema" de ensino nas instituições de ensino superior. Ou, por outras palavras, na melhoria da qualidade do serviço prestado aos nossos clientes privilegiados e nossa razão superior de existir – os alunos.

Porém, sucessivos governos têm subvertido esta decisão, impondo às instituições de ensino superior – sem o declarar expressamente – a utilização dos fundos próprios, provenientes das propinas pagas pelos alunos, para suportar gastos correntes de gestão que, afinal, deveriam ser suportados exclusivamente pelos fundos provenientes do orçamento de Estado.

Criando, com tais medidas, sucessivas e insuperáveis dificuldades de gestão das instituições, praticamente "impedindo" qualquer melhoria em instalações, em equipamentos, em condições de funcionamento, sempre por ausência de fundos suficientes para o efeito.

Esta proposição é facilmente demonstrável se compararmos os valores do orçamento de Estado atribuídos ao Instituto Politécnico de Lisboa nos últimos anos com a inflação (nos dois últimos anos, estimada) e que ascenderam a:

ANO	VALORES DO ORÇAMENTO (mil €)		INFLAÇÃO (%)
	Acréscimo corrente	Δ %	
2005	48.313,6	–	2,1
2006	46.864,2	-3,0%	3,0
2007	44.015,8	-5,8%	2,4
2008	44.636,9	1,4%	2,8
2009	45.529,6	2,0%	2,9

Arquivo Politecnia

Manuel Mendes da Cruz *

Estamos perante um instrumento muito subtil de impor a propina máxima a todas as instituições de Ensino Superior, sem que o Estado fique com o ónus de tal decisão

Se tivesse sido tida em conta a inflação acumulada (valores estimados em 2008 e 2009), os valores de dotação orçamental a transferir para o Instituto Politécnico de Lisboa, ter-se-iam elevado em 2009, a 53.903,3 milhões de euros .

Verificando-se, assim, uma perda real na dotação orçamental da Instituição, de mais de 11% ao longo destes últimos anos, apesar do aumento efectivo de alunos.

A imposição do pagamento de 11% para a Caixa Geral de Aposentações sem o competente reforço orçamental público, no exercício económico de 2008, mais veio estrangular o funcionamento adequado das instituições, no cumprimento do serviço que lhes compete, muitas das quais, se não mesmo a totalidade, sem sequer a possibilidade de recorrer a fundos próprios para sustentar esta dívida.

Esta política não será inocente. De facto, entre outros condicionalismos, estamos perante um instrumento muito subtil de impor a propina máxima a todas as instituições de ensino superior, sem que o Estado fique com o ónus de tal decisão.

Um dos meios de superar as dificuldades que nos vêm sendo impostas pelos sucessivos governos é o de procurar a todo o custo, pelo menos ao nível do Instituto Politécnico de Lisboa – que ora nos importa – controlar os gastos em algumas rubricas em que, de facto, têm de incorrer no âmbito do desenvolvimento da sua actividade normal: o ensino.

Não se pretende com tal medida pôr em causa a autonomia das unidades orgânicas – pese as mais recentes decisões sobre esta temática tomadas recentemente pelo governo – antes, num processo de racionalização de gastos, procurar a realização de negociações globais (eventualmente, se exigível, em processo concursal público) por forma a que os gastos totais, a imputar posteriormente pelas diferentes unidades orgânicas, sejam mais reduzidos do que os provenientes de negociações individuais.

Nem se trata de uma inovação formal, antes o reconhecer que gerir globalmente alguns (pelo menos) dos gastos comuns, pode conduzir, de facto, a poupanças mais ou menos significativas em algumas rubricas mais importantes de custos.

Já há alguns concursos a decorrer relacionados, por exemplo, com a segurança e a limpeza de todas instalações dos serviços centrais como das unidades orgânicas, de cujas conclusões se espera uma certa poupança de gastos. Mas, outros devem ser desencadeados por forma a lograr-se, globalmente, uma utilização óptima, quanto possível, dos meios económicos postos à disposição, que ao nível individual seria muito difícil conseguir.

Bem sabemos que a situação económica e financeira durante o ano de 2009, em matéria orçamental – proveniente de receitas do orçamento de Estado e de receitas próprias – não trará menos dificuldades do que as que vimos sentindo desde há vários anos. Pelo contrário. Mas, assim, estaremos a tentar conseguir uma mais eficiente gestão de gastos, sobretudo de natureza corrente, já que quanto aos gastos de investimento – tão necessários em todas as unidades orgânicas – não existirão meios para os concretizar pelo menos a curto prazo.

* Vice-presidente do IPL